

Ministério

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Adventista



Anime
sua igreja a
Cantar

ARTIGOS

5 CONSERVE O QUE COLHEU
Floyd Bresee

8 PLANEJAMENTO FAMILIAR: PRÁTICA PROIBIDA?
Luka T. Daniel

12 O PAPEL DA LIDERANÇA NO REAVIVAMENTO
N. C. Wilson

16 ANIME SUA IGREJA A CANTAR
Wayne Hooper

19 A MAIOR NECESSIDADE DO ANJO DE LAODICÉIA
R. Colón Soto

22 O MINISTRO COMO TEÓLOGO
D. Augsburg

27 A LUTA DO PASTOR PELA BOA SAÚDE
E. E. Adams

31 VOCÊ É TÍMIDA?
Carola Kilcher



Gerente Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Almir A. Fonseca;
Diretor de Arte: Urias P. Chagas; **Diagramação:** Jobson Santos; **Colaborador Especial:** Amasias Justiniano,
Jaime Castrejón; **Colaboradores:** Wilson Sarli, Jorge Burlandy, Jefté Carvalho, Adamôr Pimenta.
Capa:

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA
devem ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 — 70279 — Brasília, DF.
Editado bimestralmente pela CASA PUBLICADORA BRASILEIRA.
Rodovia SP 127 — km 106 — Caixa Postal 34 — 18270 — Tatuí, SP.

Pode o Cristão Irar-se?

A ira é um dos sete pecados mortais tradicionais. Paulo a inclui em sua lista de pecados que os cristãos devem evitar (Efés. 4:31; Col. 3:8). Conseqüentemente, muitos cristãos temem irar-se, negando que a sintam e reprimindo-a quando não podem evitá-la.

Mas o ponto de vista bíblico com respeito à ira não é tão simples. A Bíblia descreve o Pai e mesmo a Jesus como sentindo ira (e.g., Núm. 25:3; Mar. 3:5). Aparentemente, nossa capacidade de irar-nos é uma das maneiras em que levamos a imagem de Deus. Se Deus sente ira, não podemos considerá-la como categoricamente pecaminosa.

Curiosamente, no contexto de uma dessas listas de pecados que os cristãos devem evitar, Paulo escreveu: "Irai-vos, e não pequeis" (Efés. 4:26). Toda a passagem tem o que ver com relacionamento interpessoal, e assim, a ira da qual ele fala parece ser da espécie que surge em tal relacionamento; não é apenas uma espécie de "santa indignação".

A distinção que Paulo faz: "Irai-vos, e não pequeis", sugere a chave para o enigma. Paulo estava mais interessado na maneira como os cristãos tratam as demais pessoas do que nas emoções que elas experimentam. E irar-se é uma emoção. Como tal, ela é uma reação a algum estímulo. Não é pecado sentir-se irado; as pessoas pecam quando dão vazão a sua ira de maneira imprópria.

A ira é parte natural do relacionamento estreito. Ela desempenha um importante papel nesse relacionamento — indica que há diferenças que precisam ser ajustadas. (Biblicamente, a ira que Deus expressa para com Seu povo, funciona em muitos casos da mesma maneira. Ela é despertada pela infidelidade deste, e Seu intento é trazê-lo de volta à fidelidade a Ele.)

David Mace, autor do proveitoso livro *Love and Anger in Marriage* (Amor e ódio no casamento), diz que as pessoas em geral lidam com a ira de uma das quatro maneiras seguintes: descarregam-na, reprimem-na, desfazem-na, ou a consideram.¹ É descarregando a ira, no sentido de não reprimi-la, e fazendo com que mais alguém "a tenha", que a ira produz pecado. Essa maneira de lidar com a ira esclarece o problema, mas de maneira que fere a outra pessoa e prejudica o relacionamento, sem resolver o problema.

Reprimir a ira, dirige a força do problema para dentro, em lugar de para fora. Na tentativa de manter o relacionamento, a pessoa poupa a outra e sofre o impacto do problema. O controle pode ser necessário em alguns casos — por exemplo, quando é o patrão que provoca a ira e, procurando negociar o problema, faz ameaça de despedi-lo de um emprego que você não pode dar-se ao luxo de

perdê-lo. Mas conter a ira significa ignorar saídas que podem ser vitais para o relacionamento e, finalmente, o faz distanciar-se da outra pessoa. Se você reprimir habitualmente sua ira, perderá a capacidade da cordialidade e da bondade.

Acalma-se a ira, distanciando-se deliberadamente da pessoa que provocou a ira. O resultado pode ou não ser francamente reconhecido. De novo, esta forma de lidar com a ira pode ser necessária em algumas circunstâncias — Paulo e Barnabé interromperam o seu relacionamento na ocasião em que discordaram a respeito de João Marcos. Mas enquanto esta maneira de tratar a ira pode, em alguns casos, ser necessária, se agir com respeito a sua ira *sempre* se distanciando da outra pessoa, você acabará sendo uma pessoa solitária — alguém que não possui relacionamento íntimo.

Só quando a pessoa analisa os motivos que despertaram a ira no relacionamento, pode este crescer e aprofundar-se. Mace apresenta três princípios úteis de análise da ira: Em primeiro lugar, comunicar o fato de que você está irado. A ira não é um erro em si mesma; é um sentimento admissível — é permitido ficar irado. (Embora, dependendo das circunstâncias, você possa expressar seus sentimentos em termos menos fortes, dizendo que está abalado ou que está inconformado com alguma coisa que está ocorrendo.)

De acordo com o princípio seguinte, quando estiver com raiva, não agrida a outra pessoa. Dessa maneira, a outra pessoa não precisará ser cautelosa ou defender-se. Se é grande a sua ira, não discuta a causa que a está despertando, até que você se acalme e possa discuti-la racionalmente e sem provocar a outra pessoa.

O passo seguinte recomenda que em relacionamentos muito estreitos e prolongados, como o do casamento, procure-se um entendimento com a outra parte, para que ambos admitam e discutam a causa da ira que está ameaçando o relacionamento. Deve-se considerar esta ira não como evidência de fraqueza daquele que está irado, mas como uma função do relacionamento completo. Aqui, os relacionamentos mais íntimos diferem dos mais distantes, onde a pessoa pode ter que admitir e analisar a ira da gente e a própria.²

A ira se presta a uma função positiva. Ela põe em foco áreas nas quais as situações podem ser melhoradas, e desenvolvidos os relacionamentos, enquanto é oferecida a motivação para fazer isso. Ao entenderem a função da ira, podem os pastores melhorar o relacionamento em suas igrejas e em seus próprios lares, e podem vir a entender-se e se aceitarem mais completamente.

David C. Jarnes

Conserve o Que Colheu

Numa fusão de dois artigos da revista Ministry, este artigo fala da necessidade de as pessoas que se batizam na Igreja Adventista serem conservadas, visto que as deserções são muito numerosas.

A história da Igreja Adventista do Sétimo Dia é, em grande parte, uma história de sucesso. Em 1890 havia 19 adventistas por milhão da população do mundo. Cem anos mais tarde, há mais de 1.000. Em 1940, batizávamos em média menos de 100 por dia. Cinquenta anos depois, estamos aproximando-nos da marca dos 2.000 por dia.

Estivemos orando para que durante os cinco anos de Colheita 90 (1985-1990) acrescentássemos dois milhões de pessoas a nossa igreja. Alcançamos esse alvo em setembro de 1989, nove meses antes, e agora estamos trabalhando e orando por um grande excesso. Colheita 90 demonstrou nosso sucesso, graças a Deus, em colher.

Problemas na conservação

A coisa mais miraculosa, no que se refere ao Pentecostes, pode não ser o fato de que 3.000 pessoas foram batizadas em um dia, mas que “perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações” (Atos 2:42). Obviamente, com o auxílio do Espírito Santo é possível desfrutar tanto a quantidade como a qualidade do crescimento da igreja.

Mas a Igreja Adventista do Sétimo Dia não está fazendo tão bem quanto a igreja apostóli-

ca, em conservar os seus membros. Em 1988, o número das apostasias e extravio de membros que a igreja relatou, chegou ao equivalente a 20 por cento de suas aquisições. Para cada cinco que entraram, um saiu.

Por mais grave que esta estatística possa parecer, o problema pode, contudo, ser muito pior. Uma vez que a organização mede o sucesso de crescimento de sua igreja pelos membros e o número de batismos, ela terá a tendência de batizar muito e admitir perder muito pouco.

Em 1988, uma Divisão disse ter perdido por apostasia um total igual a 47% das suas aquisições. Outra Divisão relatou um índice de apostasia de apenas 3 por cento. No fim de um período de quatro anos, uma Associação relatou 6.365 batismos, e apenas 15 exclusões. Ou estas partes da igreja, que perderam tão pouco, têm um plano disciplinar que todos deveríamos estar seguindo, ou elas não estão avaliando corretamente suas perdas.

Resolver o problema da apostasia não é assunto de preferência pessoal, mas de preencher a determinação de Cristo. Disse Ele: “*Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os... ensinando-os* a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado” (Mat. 28:19 e 20). No original grego “*ide*”, “*batizando*” e “*ensinando*” são todos participios. Eles adquirem sua força do verbo *fazer* discípulos. Nem ir, nem batizar, nem ensinar são fins em si mesmos; são todos meios, com a finalidade de fazer discípulos.

Ouvimos muito a respeito de ir, e isto é bom.

Floyd Bresee
Membro da Associação Ministerial

Necessitamos de uma Estratégia Global. Jamais ganharemos pessoas a menos que vamos. Ouvimos também sobre batizar. Colheita 90 deu realce aos batismos. Na verdade, os dois milhões de batismos que ela sugeria, constituíram apenas um dos alvos da campanha — embora seja este o único ao qual demos muita atenção.

Falamos a respeito de ensinar as verdadeiras doutrinas bíblicas, mas mesmo a propagação de doutrinas corretas não constitui o principal propósito da igreja. Nenhuma dessas atividades constitui o objetivo principal da comissão evangélica. São apenas meios com o fim de fazer discípulos.

Digamos que um vendedor de carros esteja vendendo esse artigo. Para fazer isso, precisa de uma loja para expor os carros, precisa de vendedores e de propaganda. Mas expor carros numa loja, ter vendedores e fazer propaganda não são sua função. Se qualquer dessas coisas se tornar um fim em si mesma, se algum dia ele se concentrar em alguma delas e não vender os carros, logo estará fora do mercado.

Jesus disse que o trabalho da igreja é fazer discípulos. Para fazer discípulos, precisamos ir. Precisamos batizar e ensinar. Mas esta não é a nossa função. Se estas coisas se tornarem fins em si mesmas, se viermos a concentrar-nos em alguma delas em lugar de nos concentrar em fazer discípulos, logo estaremos fora da atividade.

Encontrar uma medida melhor

No presente, nossa igreja ainda não pode avaliar bem o ganho de almas. Nossa avaliação tradicional de crescimento na igreja (membros e número de batismos) é valiosa, mas possui pouca relevância para o discipulado. Em algumas partes do mundo, contagens feitas durante o culto de sábado de manhã, indicam que apenas cerca de metade dos membros frequentam regularmente a igreja.

Devemos encontrar uma nova maneira de medir o sucesso do crescimento da igreja. As opções incluem frequência à Escola Sabatina, frequência à igreja, envolvimento no ganho de almas e mordomia, bem como número de membros e batismos.

A maneira de ver da liderança de nossa igre-

ja e a de nossos leigos, quanto ao que constitui sucesso no crescimento da igreja, tendem a diferir. A liderança procura medir o êxito da igreja pelo número dos que estão nos livros e no batistério; os membros leigos, pelo número dos que estão nos bancos da igreja. Essa perspectiva diferente pode estar introduzindo uma cunha entre leigos e liderança. Ela compreende uma razão a mais à fórmula que usamos para medir o sucesso de nossa igreja, e inclui fazer discípulos.

Muitas igrejas adventistas são como o pescador que apanhava peixes mas não tinha nada para apresentar, porque os colocava num saco que tinha um buraco no fundo. Deus tem abençoado muito nossa igreja no ganho de almas. Contudo, não estamos mantendo muito daquilo que conquistamos.

Remendar o buraco do saco não pode substituir a pescaria. A igreja que não evangeliza, morre. *Mas devemos entender que nossa função envolve tanto apanhar o peixe quanto conservá-lo.* Em outras palavras, para usar uma metáfora de que nos servimos em outro artigo, devemos aprender a conservar o que colhemos; a saber:

1. *Devemos preparar melhor nossos candidatos ao batismo.* “Deus ficaria mais satisfeito com seis pessoas inteiramente convertidas à verdade, do que com sessenta fazendo profissão de fé, mas não estando de fato convertidas.” *Satanás não fica nem um pouco preocupado com nossos batismos em grande número — se aqueles que se batizam não estão inteiramente convertidos. Por isso, quanto mais convertida a pessoa trazida para a igreja, tanto melhor.

Dessa forma, há muita verdade no argumento de que deveríamos interessar-nos primeiramente no fato de os candidatos ao batismo estarem ou não convertidos — de que não devemos esperar demais dos que estão começando a vida cristã. Se eles estiverem verdadeiramente convertidos, as mudanças no estilo de vida certamente ocorrerão.

Poderíamos comparar esses membros recém-batizados a árvores frutíferas. Nosso desejo de que eles produzam fruto deve ficar em segundo lugar, ao verificarmos que foram bem plantados (convertidos e fundamentados em Cristo).

O que complica a questão de estabelecer a prioridade certa é o fato de que nós, seres humanos, só podemos dizer se a árvore está plantada, pelo fruto que ela apresenta. Dessa for-

ma, enquanto não podemos esperar muito fruto na vida do candidato antes do batismo, algum fruto, contudo, deve estar visível. Este fruto certamente deve incluir a guarda do sábado, freqüência à igreja e abandono do uso de substâncias prejudiciais.

Pois bem, apliquemos esta observação a uma situação que temos na igreja hoje em dia. Com crescente freqüência, os evangelistas de culturas populosas, altamente instruídas e semicristãs, estão sendo convidados a dirigir reuniões evangelísticas em áreas caracterizadas por culturas de baixa renda, semicultas e não cristãs. Essas reuniões produzem batismos em massa, mas alguns de nossos pastores dessas áreas estão achando que as reuniões produzem muito poucos cristãos em desenvolvimento.

Não me oponho a campanhas curtas de colheita. Mas especialmente em áreas onde a população não tem um embasamento cristão, devemos depender das igrejas locais para instruir os candidatos em potencial ao batismo, antes que as reuniões comecem. E deveríamos ser muito relutantes em ver batizados aqueles que não possuem tal embasamento, até que tenham recebido mais instrução depois que as reuniões terminarem. Devíamos ser muito sensíveis ao conselho dos pastores com os quais estamos trabalhando e cautelosos quanto a impor nossos métodos a uma cultura desconhecida para nós.

2. *Devemos fazer de seu batismo um grande evento na igreja local.* Em primeiro lugar, creio que seria ideal que o batismo fosse realizado na igreja local. Alguns líderes da igreja são entusiastas dos batismos em campos e de acampamentos jovens. iifelizmente, eles muitas vezes deixam de ligar os novos membros às igrejas locais que dirigem. Em certo grau, estes ba-

tismos em massa levam o recém-batizado a distanciar-se do pastor da igreja local, do professor da Escola Sabatina ou do instrutor que passou horas preparando-o para o batismo. Como no nascimento físico, melhor será que a família do bebê que vai nascer esteja envolvida no seu parto.

Há duas dedicações no batismo. Os candidatos se entregam a Cristo e à Sua igreja. E a congregação se dedica a amar, prestigiar, envolver e treinar os candidatos. Uma vez que é no batismo que estas dedicações são feitas, tanto o candidato como a congregação devem estar presentes nesse evento.

Em segundo lugar, para valorizar o processo de unir, o batismo deve tornar-se um *grande* evento na vida da igreja. Pesquisas têm demonstrado com freqüência que o *índice de retenção é diretamente proporcional à receptividade da igreja local.* E o batismo dos filhos da igreja não deve ser levado menos seriamente do que o dos candidatos de fora da igreja. Aquele também deve ser um grande acontecimento. Estudos em algumas Divisões têm mostrado que o maior índice de abandono da igreja não está entre os conversos pelo evangelismo, mas entre os filhos que crescem na igreja.

O batismo é um rito de transição. A criança muitas vezes cresce pensando que não é considerada muito importante, porque é apenas uma criança. Com o batismo, porém, ela espera ser tratada de certo modo como adulta, como realmente deve ser, pela congregação. Se a igreja não mostra que a criança é importante para ela, logo a criança achará que não é importante para si mesma.

* Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, pág. 370.

Planejamento Familiar: Prática Proibida?

A alegação de alguns de que o controle de natalidade viola princípios bíblicos, não procede. Na verdade, o planejamento familiar inclui parte da responsabilidade do cristão para com este mundo.

Para acentuar a importância de olharmos para a frente e avaliarmos o custo de nos tornarmos Seus seguidores, Cristo extraiu ilustrações da vida diária (Luc. 14:28-32). Ao assim fazer, realçou Ele a necessidade de planejamento em todos os aspectos da vida cristã. Alguns cristãos, porém, não estão convencidos da moralidade do planejamento familiar ou da paternidade planejada. Vejamos algumas das objeções apresentadas contra este comportamento, e se ele está de acordo com as instruções bíblicas atinentes à vida cristã.

“Multiplicai-vos; enchei a Terra”

Por duas vezes, no alvorecer da história da humanidade, Deus instruiu os seres humanos a serem fecundos, multiplicarem-se e encherem a Terra (Gên. 1:28; ver também Gên. 9:7). À luz destas recomendações, alguns perguntam como pode alguém defender o controle da população. Pensemos no que teria acontecido se o pecado não tivesse surgido e nenhum dos descendentes de Adão e Eva tivesse morrido. Teriam os seres humanos hoje na Terra lugar para ficar de pé? Talvez nessas circunstâncias Deus tivesse limitado a população, es-

terilizando os homens ou “fechando o ventre” das mulheres.

Neste mundo inferior ao ideal, porém, Deus deixou que fizéssemos por nós mesmos aquilo que Ele teria feito em outras circunstâncias.

“A situação econômica do mundo, especialmente no denominado Terceiro Mundo, indica diariamente que a Terra não pode suportar sua explosão demográfica.”

Quando Judá estava enfrentando a destruição nacional e o longo exílio, Deus instruiu Jeremias a não se casar nem ter filhos. Primeiramente, a instrução de Deus a Jeremias envolvia uma mensagem que Ele pretendia comunicar ao Seu povo: sua falta de fé resultaria em graves problemas. Mas, em segundo lugar, podemos observar que Suas instruções indicavam que os pais em perspectiva deveriam levar em consideração as circunstâncias quando estivessem pensando em trazer filhos ao mundo.

Num sentido semelhante ao da mensagem que veio a Jeremias, Jesus, prevendo a miséria que ocorreria à cidade de Jerusalém no ano 70 A.D., lamentou: “Ai das que estiverem grávidas

*Luka Tambaya Daniel
Secretário da União-Missão Nigeriana
de Lagos, Nigéria*

e das que amamentarem naqueles dias!” (Mat. 24:19). Na verdade, Lucas 23:29 relata uma declaração ainda mais forte: “Porque dias virão em que se dirá: Bem-aventuradas as estéreis, que não geraram nem amamentaram.”

Podemos não estar enfrentando diretamente os terríveis acontecimentos de que falaram Jeremias e Jesus, mas a lição que devemos tirar certamente se aplica às circunstâncias em consideração em nosso planejamento familiar. A situação econômica do mundo, especialmente no denominado Terceiro Mundo, indica diariamente que a Terra não pode suportar sua explosão demográfica. Em 13 de julho de 1987, o Fundo das Nações Unidas Para Atividades Populacionais (FNUAP) proclamou o bebê Matej Gaspar da cidade nordestina de Zagreb, Iugoslávia, como o cidadão quinto-bilionésimo deste planeta. Matej era apenas um dos considerados 240 bebês por minuto ou 340.000 por dia que haviam nascido naquele ano.¹ Outra fonte revela que a quadribilionésima criança havia nascido em 1975, e diz que se o índice de crescimento da população atual fosse tão-somente mantido, a criança sexto-bilionária nasceria no ano 2000.²

O tamanho da população da Terra é alarmante, uma vez que três quartos da superfície do planeta são água,³ e os seres humanos dividem o restante com desertos, florestas, montanhas, plantas e animais. Para agravar ainda mais o problema, pesquisa mundial da Organização de Alimento e Agricultura das Nações Unidas constatou que a degradação da terra poderá reduzir a produção de alimentos em cerca de 20%, se não forem tomadas medidas de conservação — cerca de 544 milhões de hectares (2,1 milhões de milhas quadradas) de terras produtivas, se perderiam.⁴ Assim, a ambição desta organização de proporcionar alimento para todos no ano 2000 parece miragem.

Quando Deus instruiu Adão e Noé a encherem a Terra, no começo da história da humanidade, o problema da época era a falta de pessoas. A instrução não se referia ao nosso tempo, quando o problema é de superpopulação.

Um dos textos grandemente usados de maneira incorreta pelos que se opõem ao planejamento da família é Sal. 127:3-5: “Herança do Senhor são os filhos; o fruto do ventre Seu galardão. Como flechas na mão do guerreiro, assim os filhos da mocidade. Feliz o homem que enche deles a sua aljava: não será envergonhado, quando pleitear com os inimigos à porta.”

Ninguém pode refutar a verdade de que os filhos são uma bênção do Senhor. Filhos como Isaque (Gên. 22:1-9), Moisés (Heb. 11:23-39), Timóteo (II Tim. 1:5), Maria (Lucas 1:26-35) e as quatro filhas de Filipe (Atos 21:8 e 9), para citar apenas alguns, foram uma bênção para seus lares e a sociedade.

Mas são todos os filhos uma bênção ou uma recompensa do Senhor? A palavra *bênção* significa muitas vezes algo que traz felicidade ao recebedor. Que felicidade traz a seus pais uma criança rebelde? De acordo com Deuteronômio 21:18-21, o filho obstinado, glutão e dado à embriaguez devia ser apedrejado até morrer. Não vejo isto como um caso de “bênção” ou de “felicidade”.

Da mesma forma, eu gostaria que “o fruto do ventre” fosse uma recompensa de Deus, em lugar de um simples resultado natural da operação da lei de causa e efeito. Não creio, porém, que a razão pela qual mulheres como Sara e Isabel foram estéreis a maior parte de sua vida foi o serem tão pecadoras que Deus as não “recompensou” com “o fruto do ventre”. Nem, por outro lado, posso considerar os filhos de prostitutas, adúlteras e fornicadoras (como Tamar, Gên. 38:24; a mãe de Jefté, Juizes 11:1-4; e a esposa de Oséias, Oséias 1:2) como recompensa de Deus.

Em outras palavras, ainda hoje muitas senhoras casadas virtuosas têm orado por um filho, mas receberam um não. E muitas prostitutas, mães solteiras e namoradas que foram enganadas — algumas das quais até oraram para não ficarem grávidas — terminaram com filhos não desejados. Os filhos podem ser, mas não necessariamente, bênção do Senhor.

Nem uma “aljava cheia” torna necessariamente feliz a família. Salomão, a quem se atri-

bui o Salmo 127, por certo sabia por experiência que ter muitos filhos não garante a felicidade e a segurança do lar. Como membro da grande família do rei Davi (I Crôn. 3:1-9), ele viu como a felicidade da família real foi arruinada pela violação de sua meia-irmã Tamar por Amnon, e o conseqüente assassinio deste por Absalão (II Sam. 13:1-13). Salomão testemunhou também a tentativa de Absalão de ocupar o trono de seu pai (II Sam. 15:1-13). Isto custou uma cruel guerra civil e a vida de Absalão, antes que Davi fosse restaurado ao trono. Assim, um lar cheio de filhos não garante a felicidade e a segurança.

A experiência de mulheres piedosas que nunca tiveram filhos, e a de algumas menos piedosas que foram mães, mostram que nem sempre o argumento de que "os filhos são herança do Senhor" é seguro para não se planejar a família.

É o controle de natalidade assassinio ou infanticídio?

Algumas pessoas dizem que o controle de natalidade infringe o sexto mandamento: "Não matarás". O controle não envolve necessariamente a perda da vida humana. Ele pode apenas tentar impedir a formação da vida — e enquanto a vida ainda não está formada, não pode haver homicídio. (Uma vez que o aborto envolve a vida já começada, a igreja adventista geralmente se opõe a essa prática, menos em certos casos.⁵ Ela não considera o aborto como método aceitável de controle de natalidade.)

Outros sugerem que Deus matou Onã por praticar um dos métodos naturais de controle de natalidade, o "coito interrompido" (Gên. 38:10). Mas os versos 8 e 9 revelam que Deus puniu Onã não por causa do método usado, mas em vista do propósito com que o utilizou — evitar ter um filho que pudesse ser legalmente de seu irmão falecido, de acordo com a lei do levirato (ver Deut. 25:5 e 6). Deus não estava proi-

bindo o controle de natalidade em si.

É verdade que Margaret Sanger (1883-1966), pioneira das organizações modernas do planejamento da família, fez declarações que indicam estarem seus motivos contagiados de racismo e elitismo. Ela é citada como a dizer: "Mais filhos do planejamento; menos da inaptidão; este é o alvo principal do controle de natalidade", e "o controle de natalidade, para criar uma raça de puro sangue."⁶ Na mente dessa americana de origem irlandesa, os membros incapazes da sociedade eram os negros, os mexicanos-americanos, os judeus, os indianos, os espanhóis e os italiano-americanos, os pobres e os iletrados, os deficientes físicos e os criminosos. Ela dizia que todas estas classes de pessoas deviam ser eliminadas por meio de um programa de esterilização maciço, que ela própria descrevia como "genocídio político" — programa de desumanização que a Alemanha nazista de Hitler adotou posteriormente.⁷

A desagradável história primitiva do moderno planejamento familiar muito tem contribuído para que grande número de pessoas do Terceiro Mundo suspeite que os países ricos preferem incentivar o controle de nascimento a oferecer fundos para combater a fome das nações mais pobres.⁸ Mas sejam quais forem os motivos posteriores que possam ter-se insinuado no planejamento familiar, permanece o fato de que as realidades sociais e econômicas prevalentes em todo o mundo, provam que o esquema é necessário.

"Deus proverá!"

Os opositores do planejamento familiar em geral tentam encerrar a discussão com a breve mas piedosa cláusula: "Deus proverá". Alguns citam textos como o Salmo 37:25, no qual Davi declara que "jamais viu o justo desamparado, nem a sua descendência a mendigar o pão"; e Mateus 6:27, 31-34, onde Cristo exorta aqueles que estão "ansiosos pelo dia de amanhã".

Concordo com Davi. Também nunca vi o "justo desamparado, nem sua descendência a mendigar o pão". Isto, porque a pessoa justa leva a Bíblia a sério e trabalha arduamente para ganhar a vida (Prov. 31:27; I Cor. 4:12; I Tess. 4:11

e 12). De acordo com Provérbios 20:4, é o preguiçoso que pede para viver.

Mas em Mateus 6:27-34 Jesus não estava incentivando Seus seguidores a gastarem o tempo em ociosidade. Ele estava repreendendo aqueles que faziam das riquezas ou do alimento o objeto de suas preocupações ou mesmo o seu deus (ver também I Tim. 6:9 e 10 e Filip. 3:19). É por isso que Jesus concluiu Sua censura, dizendo: "Buscai, pois, em primeiro lugar, o Seu reino e a Sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas."

Assim, nenhum dos textos com que começamos esta seção, sugerem que Deus está pronto a fazer por nós o que podemos fazer por nós mesmos. Eles não incentivam de maneira alguma as pessoas que sabem que não podem cuidar de muitos filhos, a continuarem trazendo-os ao mundo apenas para sofrerem. Ironicamente, algumas das pessoas que defendem a produção em massa de crianças, voltam-se contra Deus por não lhes aliviar o sofrimento.

Quantos filhos?

Não desejo dizer quantos filhos o casal cristão deve ter. A decisão é, antes de mais nada, do casal; e deve basear-se em certos fatores que cada casal considerará antes de ter os filhos. Eu diria que o primeiro fator a considerar é a saúde da mãe em potencial e da criança que irá nascer, uma vez que a gestação possui alguns inconvenientes.

Muitas senhoras hoje em dia se tornam muito doentias nos seus últimos anos por gerarem muitos filhos. Geralmente, elas se parecem mais idosas do que o são. Algumas morrem antes de ver seus filhos chegarem à maturidade, enquanto outras têm morte prematura no parto.

Chief A. Fajobi, diretor executivo da Federação da Paternidade Planejada da Nigéria (FPPN), disse: "Do ponto de vista médico, é prejudicial à saúde da mãe e da criança quando o parto é cedo demais (antes dos 18 anos de idade), enquanto o corpo amadurecido demais não está forte o suficiente para suportar o fardo físico do nascimento; quando é muito freqüente (o ideal é dois a três anos de intervalo); quando é em grande número (dois ou três filhos são o ideal); e muito tarde (após os 35 anos de idade),

quando o corpo é frágil demais para transportar o peso da criança em gestação."⁹

Em seguida, o casal deve levar em consideração se está em condições de atender as necessidades da vida do descendente que trazem ao mundo. Estes cuidados abrangem necessidades físicas — tais como proteção, alimento, agasalho e cuidado da saúde. Ellen White diz que os pais "não têm o direito de trazer filhos ao mundo para sobrecarregar os outros", acrescentando que, os que assim fazem, "cometem um crime em trazer filhos ao mundo para sofrer a falta do necessário cuidado, do alimento e vestuário."¹⁰

Mas as necessidades da vida envolvem mais: educação, ensino (Prov. 22:6) e a estreita atenção pessoal de que as crianças necessitam. Cada pai não tem senão um tanto de amor para partilhar. Quanto menos filhos, tanto mais fácil distribuir bem este amor.

Finalmente, o casal deve considerar não apenas as próprias circunstâncias, mas também as da sociedade da qual faz parte. A escolha que fazem os pais, do número de filhos que devem nascer, não é assunto pessoal apenas; sua escolha afeta também a sociedade. Um perito disse com acerto que "quando muitos casais resolvem ter grandes famílias, mesmo países ricos como os Estados Unidos, não podem acompanhar com rapidez as necessidades crescentes dos serviços públicos."¹¹

Ironicamente, de ordinário são os indivíduos pobres de cada país e os países pobres do mundo, que se deleitam com a produção em massa de crianças. De certo modo, isto é lamentável, uma vez que se informa perferirem estes países pobres, encontrados na Ásia, África e América Latina, 75% da população do mundo, mas produzirem apenas 50% do alimento mundial.¹²

Se estas famílias mais pobres e países menos abastados não desejam morrer de fome ou pedir ajuda às famílias e países mais ricos, deveriam então aceitar os ideais do planejamento familiar.¹³ A paternidade planejada permite que o casal tenha o número de filhos que tem, sem coerção — seja natural ou oficial. (A população da China, de um bilhão, forçou aquela nação a criar uma lei que responsabiliza criminalmente todo casal chinês que tenha mais de dois filhos.)¹⁴

Concluindo, a educação e cuidado de nossos filhos é uma obrigação sagrada. Atinge nossa própria alma, bem como a de nossos filhos. Daí,

a necessidade de planejamento adequado. A seriedade do assunto é acentuada em I Tim. 5:8, como segue: "Ora, se alguém não tem cuidado dos seus e especialmente dos de sua própria casa, tem negado a fé, e é pior do que o descrente."

1. "World's 5 Billionth Baby Born in Zagreb", *National Concord* (Nigéria), 13 de julho de 1987, pág. 12.
2. Winthrop P. Carty, "Sustainable Development", *New African*, janeiro de 1989, pág. 39.
3. Mitchell Beazley, *Anatomy of the Earth* (Londres: Mitchell Beazley Encyclopaedia Limited, 1980), pág. 90.
4. Carty, pág. 29.
5. Myron Widmer, "The Church on Abortion: Current Suggested Guidelines", *Adventist Review*, 25 de setembro de 1986, págs. 14 e 15.
6. Michael Golden, *All Kinds of Family Planning* (Ibadan, Nigéria: African Universities Press, 1981), pág. 79.
7. *Idem*, págs. 79 e 80.
8. *Idem*, pág. 125.
9. "Getting Babies by Choice", *Times International* (Nigéria), 27 de maio de 1985, pág. 9.
10. Ellen G. White, *O Lar Adventista*, págs. 164 e 165.
11. "Planned Parenthood", *Family Health Guide and Medical Encyclopaedia* (Pleasantville, N. Y.: Reader's Digest Association, Inc., 1970), pág. 776.
12. Adetayo Ogunkoya, "Nigeria Just Must Fight Down Population Pressure", *Sunday Times* (Nigéria), 23 de março de 1986, pág. 5.
13. Para maiores informações sobre planejamento familiar e métodos de controle de natalidade, os interessados podem telefonar para um centro de planejamento da família.
14. Ogunkoya.

O Papel da Liderança no Reavivamento

O destino da igreja repousa diretamente sobre os ombros de seus líderes. Em que circunstâncias está você liderando sua igreja?

Israel estava em dificuldade. Os exércitos conjuntos de três nações haviam invadido o país, e Josafá sabia que seu exército não podia competir com o delas. Como líder do povo de Deus, ele fez exatamente o que Deus queria que ele fizesse: "Pôs-se Josafá em pé, na congregação de Judá e de Jerusalém, na casa do Senhor, diante do pátio novo. ... Todo o Judá estava em pé diante do Senhor, como também as suas crianças, as suas mulheres e os seus filhos. ... Então Josafá se prostrou com o rosto em terra; e todo o Judá e os moradores de Jerusalém também se prostraram perante o Senhor e O adoraram" (II Crôn. 20:5-18).

Josafá é um modelo de comportamento para os líderes do povo de Deus hoje. Quer a igreja

O futuro do povo israelita repousava sobre os ombros de seus líderes. O mesmo acontece hoje. Por isso, deve ser feito um sério exame do coração.

esteja enfrentando uma crise ou buscando o poder de Deus por meio do reavivamento e reforma, bem como levando o evangelho a "toda nação, tribo, língua e povo", a função e responsabilidade de seus líderes é preponderante. A sorte da igreja muitas vezes caminha na direção em que eles andam. Uma vez que os líderes determinam em grande parte o destino do grupo,

Pastor Neal C. Wilson
Ex-Presidente da Associação Geral

é imperativo que levemos nosso povo à presença de Deus mediante o arrependimento e a confissão do pecado, como o fez Josafá.

O destino do antigo Israel

A cuidadosa leitura dos Evangelhos, revela a atitude dos líderes religiosos para com Jesus. Comentando a intriga que caracterizou os dias finais de Sua vida, os Evangelhos deixam claro que os líderes religiosos foram os únicos responsáveis pela morte de Jesus. Por outro lado, “a grande multidão O ouvia com prazer” (Mar. 12:37); e a cuidadosa leitura de Atos indica a alegria com que milhares e milhares de pessoas comuns aceitavam a Jesus. Contudo, dizemos que “os judeus rejeitaram a Jesus”. Mas quem, realmente, O rejeitou, e com que resultado?

Quando Pilatos apresentou Jesus ao povo, durante o Seu julgamento, eles “clamaram: Fora! Fora! Crucifica-O! Disse-lhes Pilatos: Hei de crucificar o vosso rei? Responderam os principais sacerdotes: Não temos rei, senão César!” (João 19:15)

Comentando estes versos, Ellen White salienta o papel dos líderes e o que aconteceu ao povo por causa da decisão de seus representantes: “Escolhendo assim um governo pagão, apartara-se a nação judaica da teocracia. Rejeitara a Deus como rei. Não tinha, daí em diante, mais libertador. Não tinha rei senão César. A isso os sacerdotes e doutores levaram o povo. Por isso, bem como pelos terríveis resultados que se seguiram, eram eles responsáveis. O pecado de uma nação e sua ruína eram devidos aos guias religiosos” (*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 709).

Nessa época, o povo judeu era o povo corporativo de Deus. Os líderes eram responsáveis diante de Deus como os representantes daquele grupo. Eles tomaram a decisão de rejeitar a Jesus e Seus ensinamentos, e Deus aceitou a decisão dos líderes como a decisão do corpo que eles representavam. Deus já não podia chamar os judeus de Seu povo escolhido, pois este O havia rejeitado em favor de um governador pagão. Naturalmente, os judeus individuais podem ainda tornar-se membros do povo de Deus acei-

tando a Jesus como seu Salvador pessoal. Mas a obra que Deus havia confiado à nação judaica na Terra, foi entregue a outro grupo — a igreja cristã.

No final da parábola da vinha, Jesus fez um comentário sobre essa experiência histórica: “Quando, pois, vier o senhor da vinha, que fará àqueles lavradores?” perguntou Ele. Os líderes religiosos que ouviram a parábola, replicaram: “Fará perecer horrivelmente a estes malvados, e arrendará a vinha a outros lavradores que lhe remetam os frutos nos seus devidos tempos” (Mat. 21:40 e 41).

A igreja hoje não é diferente do antigo povo de Deus. Paulo nos diz que a igreja é o corpo de Cristo (I Cor. 12); somos uma corporação unida. “De maneira que, se um membro sofre, todos sofrem com ele; e, se um deles é honrado, com ele todos se regozijam” (verso 26). Quando pensamos na história de Israel e procuramos entender o que aconteceu ao antigo povo de Deus, deveria isto ser causa de sério exame de coração. O futuro daquele povo repousava sobre os ombros de seus líderes. O pecado e a ruína da nação deveram-se aos líderes religiosos.

O futuro do Israel moderno

Tão certo como o futuro do antigo Israel repousava nas mãos de seus líderes religiosos, também o futuro do povo atual de Deus repousa grandemente nas mãos dos líderes da igreja. Estes determinarão em grande parte o futuro desta igreja, e serão responsáveis por ele. Afinal, quem senão eles, deveria ser responsável?

Que futuro será este?

Malaquias repreende os sacerdotes — os líderes espirituais de seus dias — por deixarem de guiar corretamente o povo: “Porque os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca devem os homens procurar a instrução, porque ele é mensageiro do Senhor dos exércitos. Mas vós vos tendes desviado do caminho, e, por vossa instrução, tendes feito tropeçar a muitos” (Mal. 2:7 e 8). Aquilo que a liderança religiosa é, as pessoas certamente o serão. Se a liderança se comporta de maneira carnal, o povo terá pouco interesse nas coisas espirituais. Não obstante, se os líderes

se dedicam a fazer a vontade de Deus, a glorificá-Lo perante o mundo, o povo lhe refletirá a dedicação e qualidade de liderança.

Deus confiou à Igreja Adventista do Sétimo Dia a responsabilidade de proclamar a última mensagem de advertência a um mundo enfermo. A condição do mundo e a urgência da mensagem requerem cada partícula de energia de que dispomos. Requerem que nossas prioridades se apoiem num relacionamento vivo com nosso Deus. Ele deve ser capaz de transmitir a última mensagem de advertência por nosso intermédio, precedida por uma agenda que concentre a atenção nos interesses humanos que lutam contra a conclusão da tarefa que Deus nos confiou.

Por meio dos escritos de Ellen White, Deus deu instruções claras e oportunas à liderança de Sua igreja remanescente. Um resumo dos principais pontos dessa instrução pode ser encontrado em uma série de 19 artigos sobre a vida de Neemias, escritos por Ellen White para *The Southern Watchman*.*

Desejo apresentar três declarações dessa série que realçam a importante parte desempenhada pela liderança em pôr as pessoas em harmonia com a vontade de Deus. A primeira trata da importância da influência dos sacerdotes de Israel e da posição em que eles estavam para usar essa influência para o bem da causa de Deus ou em detrimento desta. "Entre os primeiros a apreender o espírito de zelo de Neemias e sua dedicação, estavam os sacerdotes de Israel. Da posição de influência que ocupavam aqueles homens muito podiam fazer para retardar ou promover a obra. Sua pronta cooperação logo no início contribuiu não pouco para o sucesso dela. Assim deveria ser em todo empreendimento sagrado. Aqueles que ocupam posições de influência e responsabilidade na igreja, deveriam ser os primeiros na obra de Deus. Se eles agirem de maneira relutante, os outros não agirão de modo algum. Mas 'seu zelo induziu a muitos'. Quando sua luz cintila, milhares de tochas são acesas na chama" (*The Southern Watchman*, 5 de abril de 1904).

Se a obra de Deus está enlanguescendo em sua instituição, campo, associação ou igreja, você deve examinar-se a si mesmo, em primeiro lugar, para ver se a causa aí está. É desejo de Deus que Sua obra prospere, pois é através da obra que nos confiou que almas preciosas por quem Ele deu a vida serão arrebatadas das gar-

ras do inimigo. Ele nos outorga êxito onde a liderança Lhe é dedicada. Onde outros assuntos absorvem a atenção e a energia dos líderes, haverá pouco ou nenhum movimento de sua parte para levar avante a obra de Deus. Estejam em chama os líderes, com verdadeiro e santo zelo, e a maioria de seu povo absorverá o espírito de entusiasmo, e suas tochas brilharão.

Notai a instrução apresentada na segunda declaração: "Sua energia e determinação [de Neemias] inspiraram o povo de Jerusalém; e a força e o ânimo tomaram o lugar da fraqueza e de sânsito. Seu propósito santo, sua grande confiança, sua consagração prazerosa à obra, foram contagiosos. O povo absorveu o entusiasmo do seu líder, e, em sua esfera, cada qual se tornou um Neemias, e ajudou a tornar mais fortalecidos a mão e o coração de seu companheiro. Há aqui uma lição para os ministros da atualidade. Se forem indiferentes, inativos, destituídos de zelo religioso, o que se pode esperar do povo a quem eles ministram?" (*Idem*, 28 de junho de 1904).

A mensagem é clara. Se desejamos ver um reavivamento na igreja, este deve começar conosco. Se desejamos ver o povo de Deus cheio do fogo do Espírito Santo, deve o fogo começar primeiro em nosso coração.

A seguir, a terceira declaração: "O espírito manifestado pelo líder será, em grande parte, refletido pelo povo. Se os líderes que professam crer nas solenes e importantes verdades que devem pôr à prova o mundo neste tempo, não manifestarem nenhum zelo ardente no preparo de um povo para estar de pé no dia de Deus, devemos esperar que a igreja seja descuidada, indolente e amante dos prazeres" (*Idem*, 29 de março de 1904).

Permiti que o reavivamento comece aqui

A sessão da Associação Geral de 1990 já passou. Os delegados, participantes e líderes de todo o mundo reuniram-se em Indianapolis. Que oportunidade para nos apressarmos e nos comprometermos a buscar um reavivamento em nossa própria vida e em nossa igreja! A presença de Deus e o derramamento do Espírito Santo acompanharão uma entrega

tal. É interessante que durante anos Deus nos tem informado por intermédio de Sua serva que Ele estava preparado para fazer grandes coisas por Sua igreja nas sessões da Associação Geral. Isto foi verdade em 1888, 1893, e 1901. Lamentavelmente, a liderança parece nunca ter estado em posição que permitisse a Deus satisfazer Seu desejo.

A verdade disto nos é imposta à mente naquele assombroso capítulo que consideramos atrás: "O Que Poderia Ter Sido". Ellen White descreve uma visão que recebeu certa ocasião em 1902, na qual foi reportada à sessão da Associação Geral de 1901. No início de 1903 ela escreveu à igreja de Battle Creek a respeito da visão e do que Deus havia pretendido fazer na sessão de 1901.

O parágrafo inicial confrange o coração de todo aquele que deseja que o pesadelo do pecado chegue ao fim e anseia ir para o lar e estar com Jesus: "Certo dia, eu estava escrevendo ao meio-dia a respeito da obra que poderia ter sido feita na última (sessão) da Associação Geral, se os homens que ocupam posição de confiança tivessem seguido a vontade e a orientação de Deus. Aqueles que tiveram grande luz não haviam andado na luz. A reunião se encerrou sem que houvesse quebrantamento de coração. Os homens não se humilharam diante do Senhor, como deveriam ter feito, e o Espírito Santo não foi comunicado" (*Testimonies*, vol. 8, pág. 104).

O trecho continua descrevendo o que Deus desejava fazer naquela sessão, numa perspectiva que causa profunda impressão em todos aqueles que o lerem. O Espírito Santo estava realizando uma obra íntima, e todos estavam inclinados em oração. Então alguns se ergueram da oração e começaram a confessar os seus pecados e a pedir perdão aos seus colegas de obra. O Espírito de confissão e arrependimento se espalhou por todo o tabernáculo. "Ninguém parecia ser orgulhoso demais para fazer confissão sincera, e os que lideraram esta obra eram pessoas de influência, mas que antes não haviam tido coragem de confessar seus pecados" (*idem*, pág. 105). O coração de todos estava cheio de uma alegria santa.

O trecho termina com um resumo do que poderia ter sido: "'Tudo isso o Senhor estava esperando fazer por Seu povo. Todo o Céu esta-

va esperando para ser gracioso.' Imaginei aonde poderíamos ter estado, tivesse sido feita obra completa na última (sessão) da Associação Geral, e veio-me uma angústia de alma ao pensar que aquilo que testemunhara não era verdade" (*Idem*, págs. 105 e 106).

Prezados irmãos e líderes, o destino da igreja está conosco! O que fomos fazer em Indianápolis? Temos suficiente evidência para convencer-vos de que Deus está esperando por nós, a fim de que possa terminar a obra. Ele dispôs os negócios das nações de maneira que a igreja tenha maior liberdade para proclamar a terceira mensagem angélica de Apocalipse 14. Ele tem movido nosso povo a começar a orar pela chuva serôdia. Ele nos deu toda a instrução de que necessitamos para nos colocarmos em relacionamento apropriado com Ele, a fim de que possa conceder-nos Seu poder. Ele esboçou claramente as responsabilidades dos líderes.

Comprometi-me, como líder da Sua igreja remanescente, a fazer tudo o que Deus pede de mim. Apelo a cada um de vós para que se una a mim em confissão, humilhação, arrependimento e oração fervorosa. Espero que a História relate que a sessão da Associação Geral de 1990 se dedicou a buscar a chuva serôdia, ao reavivamento e reforma, e ao arrependimento e humilhação. Não podemos permitir que aquela sessão passe à história da igreja como uma ocasião em que todo o Céu estava esperando para derramar sobre nós o Espírito de Deus, e nós desapontamos a Deus não nos preparando para recebê-Lo, permitindo que assuntos de somenos importância excluíssem a única coisa que devia ter prioridade, apressando nossas próprias agendas, a fim de que a agenda de Deus fosse excluída.

Apelo a que nos unamos. Não devemos permitir que esta oportunidade passe.

* Esta série foi apresentada primeiramente nos números do *The Southern Watchman* que vão de 1º de março a 12 de julho de 1904. O Ellen White Estate reproduziu estes artigos, junto com um guia de estudo, em um oportuno livro intitulado *Lessons From the Life of Nehemiah*. Eles formarão uma excelente série de estudos para um grupo de estudo/oração ou para uma série de reuniões de oração. Se você estiver interessado, dirija-se ao White Estate no 12501 Old Columbia Pike, Silver Spring, Maryland 20904.

Aníme sua Igreja a Cantar

Embora já se tenham passado vários anos, conservo ainda na memória a imagem de um vídeo todo colorido do Pastor H. M. S. Richards pregando. Em pé, diante de uma multidão, ele intercalava em seu sermão a história de como Harriet Beecher Stowe, atarefada esposa e mãe, saía do seu quarto de manhã bem cedo para estar a sós com Deus. Depois, com sentimento, ele repete de cor:

“Sempre, sempre contigo, quando rompe a manhã,

Quando o passarinho desperta e as sombras se vão;

Mais bela que a manhã, mais graciosa que a luz do dia,

Vem a agradável sensação: Estou contigo!”

Muitas vezes ele conseguia repetir todas as estrofes, cada qual com o seu poder dinâmico peculiar, chegando a um clímax de prender a respiração, com as palavras:

“Assim será afinal, naquela manhã radiosa,

Quando a alma despertar e as sombras da vida fugirem;

Oh! nessa hora, mais bela que o despontar do dia,

Se erguerá o doce pensamento: Estou contigo!”

Podeis imaginar com que sentimento, nós do quarteto Arautos do Rei, cantávamos aquele velho hino, quando víamos o esforço que o “Chefe”, como nós o chamávamos, havia investido nele — tomando tempo para descobrir como ele foi escrito, e depois memorizá-lo. (Ainda hoje, quando o antigo Arautos do Rei se junta para cantar, “Sempre Contigo” é o hino preferido.)

O Pastor Richards gostava realmente dos

grandes hinos, e os usava poderosamente em seus sermões. A perspectiva que os 35 anos sentado atrás dele me proporcionaram, convenceu-me de que este uso poderoso dos hinos era uma das razões por que o povo gostava de ouvi-lo.

Mas não são só os sermões que podem ser beneficiados quando os ministros procuram saber a história de nossos hinos. Os ministros desempenham uma função vital no desenvolvimento do cântico congregacional ardoroso. Aqueles que têm grande apreciação pelos hinos, que se dedicam a conhecer o conteúdo dos hinos e a maneira de usá-los, e usam o material histórico para educar e despertar o interesse de sua congregação, verão sem dúvida um acentuado crescimento no cântico durante a hora do culto — parte importante da revitalização da igreja.

Cerca de 28 anos após a publicação de nosso *Church Hymnal* (Hinário para a Igreja) de 1941, a Companhia Publicadora de Cânticos da Austrália apresentou um livro de reserva para fornecer essa espécie de material histórico. O *Singing With Understanding* (Cantar com Entendimento), de Eduard E. White, volume acompanhante do hinário de 1941, continha comentários sobre seus hinos, representando 10 anos de esforços em pesquisar e escrever. Em reconhecimento ao mérito dessa obra, a comissão que produzia o nosso novo hinário recomendou que tão logo fosse possível, se preparasse um volume acompanhante, a fim de que a história dos hinos e a biografia dos compositores e autores favorecesse o uso correto do hinário desde o início. O *Companion to the Seventh-day Adventist Hymnal*, publicado recentemente pela Review and Herald Publishing Association, re-

Wayne Hooper
Membro do antigo quarteto
“Arautos do Rei”

nossa vida. Foi publicado primeiro com a afinação céltica HYFRYDOL (ver hinos 167 e 204) no *Gospel Songs de Alexander*, nº 2, publicado por Revell.

“J. Wilbur Chapman nasceu em 17 de junho de 1859, em Richmond, Indiana, e se educou no Seminário Teológico Lane. Após ordenação ao ministério presbiteriano, foi pastor durante 20 anos em Albany, Nova Iorque; Filadélfia; e Cidade de Nova Iorque. Uma visita do grande evangelista D. L. Moody, despertou-o e o inspirou, e desde então sua vida foi repleta de evangelismo. Em 1902, ele foi indicado secretário de uma Comissão Evangelística pela Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana. O trabalho de campanhas das grandes cidades foi tão bem-sucedido que logo ele precisou deixar o trabalho administrativo para atender chamados de todas as partes do mundo para dirigir missões de pregação.

“Foi também mostrado a Moody como usar o poder do canto em suas reuniões, de sorte que ele contratou os serviços de cântico do evangelista Charles Alexander, que foi um verdadeiro mágico em dirigir gigantescos corais e ajuntamentos nos serviços de cântico. Chapman e Alexander trabalharam tão bem como equipe, que percorreram o mundo, pregando e cantando durante 10 anos. (Na página 233 do livro, há uma gravura de uma reunião de comerciantes ao meio-dia em Melbourne, Austrália, no Town Hall, em maio de 1909.) Alexander descrevia sua habilidade e a de seu companheiro em ‘manobrar’ uma grande multidão: ‘A qualidade mu-

sical de sua voz agitava e, contudo, serenava um auditório. Suas palavras, pronunciadas com clareza, podiam ser ouvidas sem muito esforço por uma grande multidão (às vezes 10 mil pessoas), até quando silenciava para um leve murmúrio (de Charles Alexander, H. C. Alexander e J. K. MacClean, 1920). Nestes dias de dependência de microfones e amplificadores, aquele feito parece quase impossível! Chapman morreu em 25 de dezembro de 1918, em Jamaica, Nova Iorque.

“A melodia chamada MANÁ SAGRADO vem do uso daquela frase várias vezes no texto, em geral associada a esta música: ‘Irmãos, Reunamo-nos Para Adorar.’ A melodia e composição foram primeiramente publicadas por William Moore em sua coleção *Columbia Harmony*, em 1827. O livro foi registrado em Wilson County, Tennessee, e impresso em Cincinnati; Moore alegou ser o compositor de 18 de suas melodias. Nada mais foi encontrado a respeito de sua vida. Essa melodia agradável se tornou tão popular que muitos dos compiladores dos últimos livros de música de nota inventada, oblonga do Sul, a incluíram.

Familiarize seu povo com Wilbur Chapman, e faça com que ele saiba que ele escreveu aquelas palavras a respeito de nosso amante Salvador logo após suas reuniões australianas. Depois, quando você lhes mostrar como essa música é fácil de ser cantada, raramente eles deixarão de cantá-la!

Absorvendo a atenção de sua congregação, você pode dar vida a seus serviços de culto.

sultou dessa recomendação.

Aposentado e vivendo agora na Inglaterra, o Pastor White era a pessoa indicada para reescrever e apresentar atualizados os comentários sobre todos aqueles hinos do hinário de 1941, que foram conservados. A comissão de hinário e a Review and Herald, pediram-me que escrevesse os comentários sobre os hinos acrescentados ao conteúdo do novo hinário, e me empenhasse com Raymond Woolsey, editor de livros na Review, para que o volume fosse publicado.

Dessa forma, durante aproximadamente três anos, o Pastor White e eu escrevemos centenas de cartas, visitamos bibliotecas, fizemos ligações telefônicas a parentes de autores falecidos, conferimos a autenticidade das histórias e datas, comparamos relatos nos diversos comentários do hinário, e depois fizemos a escrita e reescrita do nosso acompanhante.

Nosso objetivo foi produzir uma obra que fosse ao mesmo tempo erudita e prática. Procuramos fazer com que os autores, tradutores, compositores e arranjadores, aparecessem como se fossem pessoas vivas. O conhecimento de onde e quando eles viveram, e as condições que prevaleciam, ajudam-nos a entender melhor os tesouros poéticos e musicais que nos foram legados como uma bênção.

Ministros, diretores de música, diretores de corais e organistas, podem, igualmente, encontrar neste livro, material para auxiliar nossas congregações a se identificarem com aqueles que escreveram os hinos que gostamos de cantar. Algumas palavras sobre a história dos hinos — impressas no boletim da igreja ou, melhor ainda, ditas para introduzir o hino — despertará o interesse da congregação e a preparará para cantar com entusiasmo, com o espírito e o entendimento.

Para felicidade do nosso projeto, a casa do Pastor White, próxima do Colégio Newbold na Inglaterra, deu-lhe acesso a muitas fontes originais, entre elas o Museu Britânico. Seu relacionamento com os funcionários da British Hymn Society foi valiosa. E uma vez que uma grande quantidade de nossos hinos teve origem nas Ilhas Britânicas, foi-lhe possível verificar fatos e gravuras que eu não poderia examinar do lado de cá do Atlântico.

Tive o privilégio de trabalhar em vários centros de recursos. Um deles foi a biblioteca do Emory University School of Theology, que con-

tém mais de 10.000 volumes sobre hinologia. Consegui também muitas informações importantes na biblioteca da Fundação Morávia de Música em Winston-Salem, Carolina do Norte. E achei as pessoas encarregadas do McCutchan Collection, da Honnold Library, Claremont, Califórnia, muito generosas no que tange ao seu tempo e ajuda. Um gigante da hinologia metodista, George McCutchan, deixou-lhes cerca de 12.000 volumes, muitos dos quais raros e preciosos. É desnecessário dizer que gastei vários dias ali.

Num esforço para tornar a obra erudita e prática a um só tempo, o autor deste artigo e o Pastor White consultaram as melhores bibliotecas e as melhores obras que encontraram, favorecendo o assunto dos hinos e seu uso pela igreja.

Mas o tempo que gastei na Andrews University's Heritage Room, reunindo material para o capítulo intitulado "Hinologia Adventista do Sétimo Dia", foi de todos o mais excitante! Essa coleção inclui quase todos os hinários adventistas publicados, desde o primeiro, compilado por Tiago White em 1849. O coração bateu-me um pouco mais depressa quando segurei em minhas mãos o *Hymns and Tunes for Those Who Keep the Commandments of God and the Faith of Jesus, de 1869* — pois na primeira página em branco encontrei escrito: "Uriah Smith, Battle Creek, Michigan." O exemplar que usei, do primeiro hinário da Escola Sabatina, *Song Anchor*, tinha gravado em ouro na capa "F. E. Belden", e na página interior em branco estava um rascunho seu para um novo hino que ele deixou sem terminar.

Para dar uma idéia da espécie de material que o *Companheiro do Hinário Adventista* contém, citarei um trecho da descrição que ele faz do hino 187: "Jesus, Amigo dos Pecadores":

"Escrito em 1910, este hino toma emprestado várias frases do 'Jesus, Amante de Minha alma', de Wesley [hino 490]. Comenta também como ele usa um certo número de nomes de Cristo para descrever Seu ministério completo em

A Maior Necessidade do Anjo de Laodiceia

O autor identifica o anjo de Laodiceia como sendo os pastores adventistas da atualidade, e acha que está havendo falta de maior entrega da vida à direção do Espírito Santo, por parte desses líderes espirituais.

Em certo sentido, a coisa mais importante da nação judaica era Jerusalém; a mais significativa, o templo; a parte mais importante do templo, o lugar Santíssimo; e o objeto mais teológico do lugar Santíssimo, a arca. A manifestação da presença de Deus nela ocorria. A gloriosa *shekiná* revelava que a presença de Deus era a razão da existência do templo, do culto e do sistema sacerdotal.

O serviço sacerdotal era a parte principal do culto no templo. O culto atingia o seu ponto máximo no lugar Santíssimo com a manifestação da presença divina. Contudo, a manifestação desse poder era precedida por uma ordem de culto exercida pelos sacerdotes.

Os filhos de Eli falavam muito em sacrifícios mas não eram abnegados; por isso, acabaram sofrendo uma tragédia.

Poderia Deus, então, manifestar-Se no lugar Santíssimo com um ministério sacerdotal que não O conhecesse e fosse vazio? Um sacerdócio vazio produz uma arca e um templo vazios. Lamentavelmente, temos que admitir que *exis-*

tem templos com um morto no púlpito e milhares de mortos nos bancos. Diz-se do anjo de Laodiceia que tem “nome de que vives, e estás morto” (Apoc. 3:3).

A Experiência de Eli

Pensemos um pouco na experiência de Eli, Hofni e Finéias. A nação judaica havia perdido a arca, e seus sacerdotes haviam sido mortos. Eli e seus filhos haviam sido eliminados do sagrado ministério. Tarde demais, descobriu-se que a presença de Deus, revelada por meio do Espírito Santo, não mais estava com Eli e seus filhos. Havia um duelo de caráter nacional por tragédia tão grande. “Toda a cidade prorrompeu em gritos. Eli... perguntou: Que alvoroço é esse? ... Foi-se a glória de Israel” (I Sam. 4:13, 14 e 22).

Qual foi a causa dessa tragédia? Em I Sam. 2:29, declara-se que Eli e seus dois filhos, sacerdotes, haviam usado seus mantos ou cargos ministeriais para enriquecer-se, para obter um fim material (2:15 e 16). O verso 22 indica que estavam envilecidos com os desejos carnis. O verso 16 diz que eram intolerantes, ásperos, de-

*Pastor Rafael Colón Soto
Obreiro jubilado da União Antilhana,
residente em Porto Rico*

safiadores, orgulhosos. Usavam o cargo para exercer uma autoridade arbitrária, e a indiferença predominava entre eles (I Sam. 3:13). O versículo 17 mostra que a triste situação daqueles dirigentes religiosos lançava uma negra sombra sobre todo o povo (I Sam. 3:1).

Por fim, em I Sam. 3:14, dá-se a alarmante notícia de que aqueles homens, com seus cargos sagrados, haviam chegado a um ponto do qual não havia retorno — haviam pecado contra o Espírito Santo. Seus pecados não podiam ser perdoados; não havia cordeiro que lhes substituísse a vida. Eles haviam herdado o ministério sacerdotal, mas não foram preparados para a função sagrada pelo Espírito Santo. Ministravam os ritos que anunciavam a salvação aos homens, mas eles próprios estavam perdidos. Invocavam o nome de Deus durante o dia, e de noite pensavam em mulheres e com elas dormiam. Repetiam suas orações, mas o Espírito Santo não podia comunicar-se com eles.

Aqueles homens falavam muito em sacrifícios; eles, porém, não eram abnegados nem se sacrificavam. Estavam muito empenhados em terminar o trabalho do santuário; não permitiam, contudo, que a graça divina começasse e terminasse neles a sua obra. Gostavam de conduzir a arca, mas a arca de sua alma estava vazia. “Deus não podia comunicar-se com o sumo sacerdote e seus filhos; os pecados deles, qual densa nuvem, haviam excluído a presença do Seu Espírito Santo” (PP, pág. 622).

Perigo Para Laodicéia

Quem é este “anjo”? O nome “anjo”, do verso 14, é figurativo, e representa um mensageiro idoso ou ministro que tem a grande responsabilidade de receber e aceitar as severas admoestações indicadas no verso 17, como também o remédio descrito no verso 18. É o ministério laodiceano que recebe o impacto dessa alarmante mensagem.

Qual é a mensagem para esse denominado “anjo”? “Pois dizes: Estou rico e abastado, e não preciso de coisa alguma, e nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu” (Apoc. 3:15-17). Mas como é possível um “anjo” estar nestas condições? Para clareza, analise-

mos quatro situações problemáticas e as soluções para elas:

1. Falta de conversão

No livro *Testemunhos Para Ministros*, pág. 142 (mensagem apresentada em 20 de agosto de 1890), lemos: “Não vos posso exprimir meu peso e angústia mental quanto à verdadeira condição da causa, que me tem sido apresentada. Há homens que trabalham na qualidade de professores da verdade, que necessitam aprender suas primeiras lições na escola de Cristo. O poder convertedor de Deus deve sobrevir ao coração dos ministros ou estes devem procurar alguma outra vocação.”

2. Falta de sacrifício e abnegação

Estas duas qualidades, tão essenciais, estão faltando. O “anjo” de Laodicéia diz: “Estou rico e abastado, e não preciso de coisa alguma”. O amor aos bens materiais, às comodidades; o interesse exagerado pelos postos administrativos e departamentais; o desejo apaixonado de ser o primeiro; de receber o reconhecimento humano, está destruindo as bases espirituais do “anjo” de Laodicéia.

Quando surgiu a mensagem do terceiro anjo, os que se dedicavam à obra de Deus tinham alguma coisa que arriscar, tinham que fazer sacrifício. Começaram esta obra na pobreza e sofreram as maiores privações e opróbrios. Mantinham uma posição resoluta que os impelia para Deus em sua necessidade e mantinham viva a sua fé. Alguns há, agora, que carecem do conhecimento do exaltado caráter da obra. Não precisam suportar privações, penúrias nem os graves conflitos requeridos pelo exercício da fé. Não praticam a abnegação, nem nutrem um espírito de sacrifício. A Testemunha Fiel diz a estes ministros: “Sê pois zeloso, e arrepende-te” (Apoc. 3:19).

3. Falta de dependência de Deus

O anjo diz: “Não preciso de coisa alguma”. Temos aqui um ministro que administra os bens espirituais de Laodicéia, mas vive independente de Deus.

Parece incrível! Um anjo, um pastor, fazendo profissão de uma vocação tão sagrada, e vivendo separado de Cristo! Impossível! Um mensageiro com as mãos cheias, mas com o coração vazio; oferecendo a salvação, não dependendo do Salvador; um pastor planejador e trabalhador ativo, querendo “terminar a obra”, mas

que não permite que o Espírito Santo comece e termine, nele, a Sua obra. Ministro que incentiva à oração na congregação, mas que não experimenta o impacto da comunhão secreta com o Deus onipotente; “anjo” que formou o hábito de viver sem Deus.

4. Assinalada indiferença aos apelos, impressões, convites, chamados do Espírito Santo

Uma singular e contínua apatia e indiferença à obra interna do Espírito Santo no coração pastoral. Cabe perguntar aqui: Quem é realmente que admoesta o “anjo” para tirá-lo de sua crise espiritual? Apoc. 3:22 responde esta pergunta: “Ouça o que o Espírito diz às igrejas” (3:6 e 13; 2:2; 29, 17, 11, 7).

“Alguns estão procurando prestar um serviço aceitável, quase sem levar em conta o único poder mediante o qual esse serviço é eficaz.”

Notemos o que o “anjo” diz ao Espírito Santo: “Estou rico... não preciso de coisa alguma”. Vê-se claramente que se trata de uma situação de relacionamento, de comunicação entre Aquele que representa a Cristo, e o pastorado. Se o pastor mudar sua atitude para com o chamado divino, sua condição de miséria, nudez, cegueira e pobreza será totalmente alterada.

Como no centro do furacão há calma e paz, assim também no centro da mensagem impactante, dirigida ao “anjo” e a Laodicéia, existe a seguinte panacéia: “Eu repreendo e disciplino a quantos amo” (Apoc. 3:19). A coisa mais preciosa para Deus neste mundo é o “anjo de Laodicéia”. Por isso, convida-o e o incentiva a preencher a maior necessidade do ministério adventista, que consiste em dedicar-se a buscar de corpo e alma a intervenção, a ajuda do representante de Cristo, o Consolador, a fim de estar em harmonia com Deus (Apoc. 3:20).

É preciso extirpar da vida ministerial as atitudes destruidoras da negligência e da indife-

rença, e permitir que o Espírito Santo realize no íntimo do pastor a Sua obra. No livro *Llama Divina*, págs. 12 e 13, escrito pelo Pastor Salim Japas, lemos: “Até certo ponto, somos os artífices de nossa própria debilidade; dependemos de nós mesmos, alumiamo-nos com a luz mortiça de nossa própria luminária; se, porém, desejarmos receber o poder pentecostal, cumpre-nos a ele nos submetemos. Quando tivermos então uma consagração completa e sincera, Deus reconhecerá o fato mediante um derramamento de Seu Espírito sem medida.” O profeta pode pregar a “ossos” em um vale, mas é preciso fôlego de vida celestial para trazê-los de volta à vida.

Alguns estão procurando prestar um serviço aceitável, quase sem levar em conta o único poder mediante o qual esse serviço é eficaz. Achamo-nos tão ocupados que não temos tempo para atender as questões mais sérias. Nossas mãos estão cheias, mas em geral nossos corações estão vazios. O movimento missionário está muito mais avançado do que o espírito missionário. “Se os obreiros reconhecessem a responsabilidade eterna que sobre eles repousa, entrariam esses na obra sem um profundo senso de sua santidade? Não devemos nós esperar ver a profunda operação do Espírito Santo sobre os homens que se apresentam para entrar no ministério?” — *Testemunhos Para Ministros*, pág. 171.

Então, qual a maior necessidade do ministério adventista? O verso 20 revela com riqueza de pormenores onde está o problema e como resolvê-lo. A gravidade da situação baseia-se em relações cortadas, em amizade desconhecida ou interrompida, em posturas indiferentes, em fechar a porta para impedir a entrada do Mestre, representado pelo Espírito Santo; em ter em pouca conta o toque, os apelos, os rogos, a insistência do Espírito de Verdade, no sentido de entrar e cearem juntos e transformar a vida. O orgulho espiritual que tende a tornar independente de Deus ao “anjo”, deve ser substituído pela humildade da dependência do Paraclito divino.

O Ministro Como Teólogo

*Oferece a teologia mais benefícios do que riscos?
Que papel desempenha ela no ministério do pastor?*

Certa vez, quando pedi àqueles que haviam estudado Teologia comigo para que avaliassem o impacto espiritual da classe, um aluno respondeu sucintamente: "Isto é teologia; não pode ser espiritual." O mesmo conceito provavelmente tenha motivado o oficial da igreja que lembrou os ministros que estavam sob seu comando de que falassem "sobre qualquer coisa, menos de teologia".

Deveria o pastor ser teólogo? Algumas pessoas têm fortes reservas quanto a esta idéia. Aham elas que pregação e teologia são incompatíveis. A primeira, dizem elas, leva os homens à fé em Deus; a última, confunde e destrói toda a crença. No seu modo de ver, a teologia é um monumento da razão humana que desafia a revelação e defende a si mesmo. Só consegue levar a divisões e rupturas.

A opinião de que a teologia destrói a fé não é nova. Admitindo o potencial da teologia para dividir, o grande humanista do século dezoito, Erasmo, recomendou àqueles que debatiam sobre assuntos teológicos: "Definam o menos possível, se desejam restaurar a paz." Sabe-se muito bem que os Reformadores rejeitaram a filosofia escolástica por ser esta uma expressão do orgulho humano e às vezes se basear também em suposições pagãs.

Porque estava com medo do indiferente impacto da razão humana, o grande filósofo fran-

cês do Iluminismo, J. J. Rousseau, recomendava que se ensinasse religião aos meninos antes que estes atingissem a idade de 14 anos. E não muito tempo depois, Etienne Trocmé, da Universidade de Strasbourg, admirou-se em voz alta da compatibilidade do estudo da Bíblia com a teologia. Ele perguntava se a estrutura filosófica humana não distorcia nossa perspectiva sobre a Escritura e nos levava a fabricar, do seu conteúdo, respostas às questões que jamais procuravam estudar. Não seria difícil mencionar outros que têm considerado a teologia como um risco, em lugar de uma vantagem para o crente.

Até a maneira como indicamos que a Escola Sabatina deve ser dirigida, pode apresentar um significado teológico.

Nenhum escape da teologia

Por outro lado, deve-se admitir que é impossível fazer obra pastoral sem arriscar convicções teológicas. A maneira como usamos a

*Dr. Daniel Augsburg
Professor jubilado de teologia histórica
da Universidade Andrews*

edificação da igreja tem implicações teológicas. Aqueles que insistem em que a Lição da Escola Sabatina não deveria ser ensinada do púlpito, proclamam um certo conceito do lugar do clérigo e o do leigo.

A linguagem que usamos tem também um significado teológico. Quando anunciamos no boletim da igreja a Santa Ceia da semana seguinte, fazemos uma declaração teológica a respeito desse ritual. Num dia em que vários pastores tomam parte no mesmo serviço batismal, pode-se ouvir tantas teologias de batismos quanto são os pastores. Um diz: "Por que você ama a Jesus..."; outro: "De acordo com a tua profissão de fé..."; e ainda outro: "Porque você tomou a decisão de viver como um cristão..."

A liturgia que seguimos é teologicamente eloquente. Quando temos o coro, e os ministros entram enquanto a congregação canta o hino inicial, ensinamos um conceito especial da natureza da igreja. Proclamamos também um ponto de vista da igreja quando disciplinamos os membros que deixaram de segui-la. Planejar uma campanha evangelística indica certo conceito de liberdade humana de responder quando a Palavra é pregada. Em certas Associações temos reavivacionistas, e isto suscita a questão de o homem poder iniciar um reavivamento ou ser isto prerrogativa exclusiva do Espírito Santo.

Dizer que escolhemos uma liturgia, ou usamos terminologia, ou seguimos um ritual, sem referência consciente ao conceito teológico, não significa que talvez tenhamos retirado todo o conteúdo teológico dos atos. O que fazemos ou dizemos inconscientemente, torna-se também parte da concepção religiosa dos membros da igreja. Na verdade, cumpre-nos saber que a repetição de atos e fórmulas pode ter uma influência muito mais profunda e duradoura do que as palavras mais cuidadosamente escolhidas de qualquer sermão. Levar a efeito o trabalho da igreja sem nenhuma consideração para com suas implicações teológicas, representa tanto uma ameaça para a experiência cristã, quanto o faz a teologia no abstrato. Uma vez que isto é verdade, não ousamos agir sem a consciência teológica.

Alguns estão convencidos ao dizer que é pelo fato de a mentalidade ocidental proceder de maneira completamente diferente da mentalidade hebraica, que temos problemas com a teologia. Enquanto o semita estava grandemente relacionado com o que Deus requeria em ter-

mos de moralidade e ação, os helenistas estavam ansiosos por saber a respeito da natureza de Deus e do Universo — e a teologia surgiu do helenismo. Assim, concluem eles, a teologia é incompatível em uma igreja centralizada na Bíblia.

Mas os adventistas do sétimo dia não necessitam de muita persuasão para reconhecer que o serviço do santuário levítico estava repleto de significado teológico. As pessoas que adoram um Deus que através dos tempos tem procurado revelar-Se a Si mesmo, não pode concordar que haja alguma coisa inerentemente maligna no esforço de saber mais sobre Ele e Sua vontade. É nossa atitude e nossa compreensão da função da teologia que a torna uma bênção ou uma maldição.

Perigos e funções da teologia

Em uma das cartas enviadas a Timóteo, Paulo apresenta claramente tanto os perigos como as funções da teologia. "Mantém o padrão das sãs palavras que de mim ouviste com fé e com o amor que está em Cristo Jesus. Guarda o bom depósito, mediante o Espírito Santo que habita em nós.

"Procura apresentar-te a Deus, aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade. Evita igualmente os falatórios inúteis e profanos, pois os que deles usam passarão a impiedade ainda maior. Além disso a linguagem deles corrói como câncer. ...

"Repele as questões insensatas e absurdas, pois sabes que só engendram contendas. Ora, é necessário que o servo do Senhor não viva a contender, e, sim, deve ser brando para com todos, apto para instruir, paciente" (II Tim. 1:13 e 14; 2:15-24).

Paulo adverte primeiro contra os falatórios inúteis e profanos. Sua preocupação mostra o perigo de permanecer no aspecto puramente especulativo. Ele adverte contra concentrar-se em assuntos sobre os quais temos pouca ou nenhuma informação. Às vezes parece que quanto menos sabemos a respeito de um problema, tanto mais dogmáticos nos tornamos quanto a ele. Por esta razão, quanto maiores os aspectos especulativos da teologia cristã, tanto mais aca-

lorados debates têm às vezes causado, muitas vezes envolvendo diferenças em meras palavras ou mesmo vogais — como aconteceu na controvérsia ariana. É a esfera especulativa que também oferece o perigo de arrogância intelectual. Porque o desafio do oponente envolve nosso orgulho, raramente os debates teológicos levam a acordo. Devemos ensinar nossas congregações a pensarem por si mesmas sem ferir aqueles que não podem concordar plenamente.

Enquanto Paulo adverte sobre os perigos que o estudo da teologia pode acarretar, diz também que há uma coisa como a verdade. Ele não pergunta de maneira céptica, como fez Pilatos: “Que é a verdade?” Mas aconselha: “Mantém o padrão das sãs palavras... guarda o bom depósito.” Este conselho indica que a pesquisa da verdade deve seguir a segura trilha da divina revelação, em lugar de os vários caminhos da opinião humana. Em essência, em lugar de ser uma criação humana, a teologia é a descoberta de uma dádiva. A expressão “fazer teologia” é um tanto enganosa. Os teólogos verdadeiramente cristãos querem agir nos limites da revelação divina, confiantes em que nosso bondoso Deus revelou tudo o que precisamos saber.

Ellen White muitas vezes fez comentários nesse sentido. Numa carta que escreveu a alunos de medicina e enfermagem em 1903, disse ela: “Tudo que o homem precisa saber e pode conhecer a respeito de Deus, foi revelado na vida e caráter de Seu Filho, o grande Mestre.” *De nossa disposição para aceitar o que Deus revelou, vai depender se seremos ou não bem-sucedidos no estudo da teologia.

Paulo diz a Timóteo que ele não é um administrador de museu. A teologia não deve ser uma ciência esotérica guardada por palavras obscuras. Paulo o admoesta a “manejar bem a palavra da verdade”, a ser “um professor apto”. O verdadeiro teólogo caracteriza-se por uma grande sensibilidade para com as necessidades da igreja. Karl Barth realçou este ponto quando intitulou sua principal obra teológica de *Church Dogmatics*.

Em lugar de concentrar nossa obra teológica em torno de nossos interesses prediletos, importa que nos concentremos no bem-estar da congregação. Devemos buscar clareza e simplicidade, e não ficar satisfeitos com a solução de problemas de comunicação, pelo fato de nos expressarmos em alguma língua que nosso auditório não pode entender e que não podemos ex-

plicar em português. O verdadeiro teólogo cristão não continua numa torre de marfim, num misto de piedade e desprezo pelas pessoas que estão a perecer. A boa teologia cresce no sentido da cura das almas e da busca do perdido e do alienado. Provê os recursos de que o pregador pode valer-se quando surgem problemas na igreja.

Definindo a função da teologia

Com esta compreensão da descrição feita por Paulo da atitude correta do teólogo, podemos definir melhor o propósito da teologia. Em primeiro lugar, ela constitui uma reflexão sobre a mensagem bíblica. É a tentativa de ver as palavras de Deus na moldura de nosso próprio tempo e cultura. Como o perito que estuda uma pintura e nela procura descobrir a imaginação do artista e a situação da época, o teólogo descobre na Bíblia o pensamento de Deus e Seu eterno propósito — mesmo quando estes são expressos em palavras e imagens que são culturalmente condicionadas.

“É nossa atitude e nossa compreensão da função da teologia que a torna uma bênção ou uma maldição.”

Em segundo lugar, teologia é técnica espiritual. É um esforço para ligar os temas das Escrituras por vigas e barrotes mentais. Como disse alguém, se conhecêssemos apenas dois fatos a respeito de Deus, necessitaríamos de uma teologia. Se conhecêssemos apenas os títulos do concerto de Cristo, eles reclamariam uma teologia de nosso grande Mediador e Sua pretensão da responsabilidade de ações humanas. A pregação do Evangelho do *Pai* e do *Filho* tornou necessária uma teologia para estabelecer relação entre essas duas pessoas. Como sabemos, falar a respeito de justificação sem se referir a santificação, pode ser realmente perigoso. E, por si mesma, a doutrina do sábado se afigura muito legalística; mas, colocada na moldura da compreensão do caráter de Deus e de

Seu relacionamento com o homem, adquire ela muita beleza.

Necessitamos também de vigas entre a teologia e a liturgia, para que não neguemos liturgicamente o que afirmamos teologicamente.

A teologia, pois, está muito ligada com a ordem. Ela busca um sistema, um plano arquitetônico em que um princípio estabelece a ordem das partes. Como o matemático, o teólogo procura reduzir uma multiplicidade de elementos relacionados com a fórmula ou princípio básico que mantém unidas as partes. Dessa forma, a teologia ajuda na simplificação, clareza e solidez.

A teologia comove as pessoas

Em terceiro lugar, a teologia não é apenas técnica espiritual; é também uma criação artística. Helmut Thielicke a chamou "um cântico de louvor das idéias". A verdade bíblica não convence os teólogos apenas intelectualmente; sua harmonia, equilíbrio e ritmo os comove. O plano da salvação não é apenas lógico; é belo também. Há um equilíbrio entre justiça e misericórdia. Há harmonia entre o caráter de Deus e a solução que Ele proveu para o problema do pecado. Há uma correspondência rítmica entre as necessidades humanas e a graça divina.

Dessa maneira, a teologia é uma ocupação do coração, bem como da mente. Os teólogos dão atenção aos seus sentimentos. O senso pessoal da presença de Deus na vida deles, sustenta-lhes a crença intelectual na existência de Deus. A teologia, pois, pode atear fogo à palavra do pregador.

Em quarto lugar, a teologia é uma prescrição para a vida. William Ames, o grande puritano divino, denominou-a "o ensino do viver para Deus". O verdadeiro teste da teologia é o grau em que ela pode ajudar as pessoas a enfrentarem os problemas diários da vida particular e da igreja. Claro é que os escritores dos Evangelhos escolheram para seus livros os incidentes da vida de Jesus que se aplicavam melhor às necessidades da igreja. E quanto à aplicação da teologia à vida pessoal, conta-se que, quando alguém pediu a Karl Barth que desse uma idéia mais profunda de sua teologia, ele

respondeu simplesmente: "Jesus me ama; sei disto!"

A teologia pode aplicar-se à vida porque ela retira vida da Palavra. Leva muito a sério a declaração de Jesus de que Suas palavras são espírito e vida (João 6:3). Em seu *Little Exercise for Young Theologians* (Breve Exercício Para Teólogos Jovens), Thielicke adverte repetidamente contra o perigo do crescimento intelectual que não é igualado pelo crescimento espiritual. A teologia deve expressar uma experiência própria da pessoa. "A menos que a teologia de um homem tenha algo dele mesmo, é uma teologia morta."

Por essa razão, não devemos admirar-nos quando a teologia de uma pessoa começa no ponto em que a Bíblia começa a falar a essa pessoa e onde Cristo Se torna uma realidade viva. Para alguns, este ponto pode ser encontrado na justificação; para outros, na regeneração. Os cumprimentos proféticos podem ser o ponto em que alguns entram em contato com o Infinito, enquanto para outros ainda a simples história do amor de Jesus pode ter-se prestado a esta finalidade.

"Em lugar de concentrar nossa obra teológica em torno de nossos interesses prediletos, importa que nos concentremos no bem-estar da congregação."

O perigo é que paremos no ponto inicial e olhemos de soslaio para todos aqueles que não atingirem o mesmo ponto. Sem levar em conta o ponto de partida, cumpre-nos continuar a crescer até finalmente abrangermos e apreciarmos todas as facetas da verdade bíblica.

A experiência pessoal não apenas assinala os lugares nos quais iniciamos nossas jornadas teológicas; determina também nosso progresso e crescimento. No meu caso, por exemplo, o conceito do juízo e do santuário se tornou significativo apenas por ocasião do Watergate. Naquela ocasião, vi o vívido e significativo contraste entre a disposição de Deus em permitir que todos os livros sejam abertos diante das multidões do Universo e o desesperado esforço do Presidente Nixon para impedir que a verdade fosse conhecida.

A teologia cresce através das crises da vida. O que os discípulos não puderam entender, embora viesse dos lábios do grande Mestre, aprenderam nas trevas do seu desapontamento, quando Jesus morreu, e no fulgor da mensagem da Ressurreição. Muitas vezes se aprende a teologia sobre os próprios joelhos, nas lutas com as frustrações e tristezas. A teologia suplicada inspirará os sermões que convertem almas.

O que o pastor deve saber

Enquanto todas as facetas da teologia são significativas, algumas são mais essenciais do que outras. Com certeza o pastor necessita de uma clara compreensão do caráter e da vontade de Deus, da missão e salvação de Cristo e da obra do Espírito Santo no crente e na igreja. Em compensação, não podemos realçar demais a importância da eclesiologia, pois muitas das questões com as quais os pastores precisarão haver-se, são, em essência, questões eclesiológicas. A compreensão da pessoa, da natureza e função da igreja, colide com problemas de autoridade, liturgia e disciplina.

Os pastores que reconhecem a importância da teologia, verificarão que inteirar-se de suas alegrias e problemas no contexto do propósito

de Deus, enriquece-lhes a vida. E reconhecer a importância da teologia lhes realça também grandemente o ministério. Seus sermões terão maior simplicidade e solidez. Eles serão capazes de melhor avaliar onde estão os membros do seu rebanho no crescimento espiritual. Quando surgirem problemas, tais pastores estarão capacitados a envolver seus fiéis na solução. Em lugar de recorrerem a leis, podem eles auxiliá-los a ver as facetas teológicas do assunto e, com a graça de Deus, obter deles a decisão adequada.

Enquanto é verdade que a teologia sem ministério logo se torna um remédio amargo, é igualmente verdade que ministério sem teologia é pouco mais que ar perfumado. A história dos arianos e dos donatistas mostra que as igrejas que não desenvolvem uma teologia clara, não sobrevivem à oposição. E o que está acontecendo em muitas denominações protestantes, torna claro que as igrejas sucumbem quando a teologia de seu ministério está inteiramente desvinculada da que seus membros leigos ensinam.

Que os pregadores adventistas sejam teólogos que guardem zelosamente a verdade das Escrituras. Que sejam fiéis pastores, aptos a ensinar a sã doutrina.

* *The Upward Look* (Washington, D. C.: Review and Herald, Pub. Assn. 1982), pág. 323.

A Luta do Pastor Pela Boa Saúde

O recente realce em nossa igreja sobre a justificação pela fé, tem indicado com acerto a Jesus como o autor e consumidor de nossa fé. Mas a teologia atual favorece mais do que um contrato intelectual e emocional com Deus, deixando muitas vezes excluída a mudança de conduta. Antes nossa igreja costumava preocupar-se com assuntos de mudança de comportamento, agora os que se interessam por estes aspectos de nossa experiência espiritual são considerados legalistas ou juizes. Insistimos sobre a observância do sábado, mas isto está relacionado com ela.

Nossa igreja ainda é a única que tem possibilidades de ajudar as pessoas cujos problemas exigem mudança em sua vida. Se o guardador do sábado diz alguma coisa certa, esta é que adoramos um Deus que muda as coisas. Um Deus que pode criar e recriar. E Ele faz isso não apenas na glorificação que ocorrerá por ocasião da segunda vinda de Cristo, mas em pessoas vivas hoje.

Para tornar-se semelhante a Cristo, as pessoas devem mudar. E o relacionamento com Cristo muda não só a natureza da mente e do espírito da pessoa, como também o seu estado físico. Alguns dirão que os médicos estão mais preparados do que os pastores ou a igreja, para lidar com problemas como obesidade, colesterol elevado e o hábito de fumar. Mas isso ocasiona o pecado. A comunidade médica não possui nenhum tratamento para estes problemas. O tratamento básico para eles é a mudança de comportamento — as pessoas precisam *fazer*

alguma coisa. Aqueles que são afligidos pela obesidade devem emagrecer. Aqueles cujo colesterol é muito alto, devem mudar a maneira de alimentar-se — devem deixar de comer carne, queijo e ovos.

A igreja deve levar a mensagem que Deus deseja, a fim de ajudar a pessoa a diminuir o peso. A mensagem de que Ele ajudará aqueles que têm excesso de colesterol a suportar seu regime alimentar. De que Ele ajudará os fracos a se exercitarem fielmente. Muitos pastores, porém, estão, eles próprios, fora de forma. A falta em fazer aquilo que se sabe é, certamente, pecado. Como pode o pastor que está excessivamente fora de forma desejar credibilidade, quando recusa conselhos para esta vida ou a próxima?

Há um modelo de comportamento composto de sete passos, que se aplica bem ao tratamento do hábito de fumar e do excesso de peso, e que pode servir também para outras mudanças de comportamento. Este modelo começa com a suposição de que Deus está desejoso de ajudar a todos que vão a Ele, quer tenham ou não um sistema de crenças ou uma orientação cristã básica. O auxílio de Deus está disponível a todos aqueles que estão dispostos a encontrar certas condições simples e razoáveis.

1. Devemos reconhecer nossa incapacidade para mudar a nós mesmos. Deus apela constantemente a nós, para que tenhamos uma vida melhor. Devemos procurar viver à altura da imagem do ideal que Ele coloca em nossa mente. O conhecimento desse ideal é tanto um dom de

*Dr. Elvin E. Adams
Do Centro Médico Huguley Memorial
de Fort Worth, Texas
Para o Departamento de Saúde e
Temperança da Associação Geral*

Deus como uma maldição. Enquanto podemos experimentar algum sucesso, falhamos em atingir os elevados padrões que Ele encoraja.

Seguindo um método diferente, os teólogos de “sucesso” e os defensores do “pensamento positivo” dizem que devemos olhar para nós mesmos em busca de força para realizar o aparentemente impossível. Mas a Bíblia diz que a mudança operada por nós mesmos é impossível; que devemos depender somente de Deus para a salvação. “Sem Mim nada podeis fazer”, disse Jesus (João 15:5).

Demos o primeiro passo para resolver nosso problema quanto a admitir que em nossa própria força jamais podemos alcançar o ideal.

2. Devemos estar dispostos a dar o crédito a Deus. Se Deus nos ajuda a diminuir o peso, espera que, quando nos perguntarem como o fizemos, expliquemos sinceramente nossa incapacidade para mudar nosso próprio comportamento e testifiquemos da eficácia de Sua ajuda. Ele não nos assistirá se não estivermos dispostos a reconhecer a verdadeira fonte de nosso sucesso.

Há uma razão evangelística para esta situação. Deus está buscando todas as pessoas. Aqueles que venceram os problemas com Sua ajuda, apresentam o mais eloqüente testemunho de Seu poder e amor. Isto explica por que Jesus disse ao endemoninhado que foi curado: “Vai para tua casa, para os teus. Anuncia-lhes tudo o que o Senhor te fez, e como teve compaixão de ti” (Mar. 5:19).

“Podemos dizer como Lhe temos provado as promessas e as achado fiéis. Podemos dar testemunho do que temos conhecido da graça de Cristo. É esse o testemunho que nosso Senhor pede de nós, e por falta do qual está o mundo a perecer.”¹

3. Devemos pedir ajuda a Deus. Eis a oração. Só precisamos dizer: “Senhor, meu peso me está matando e destruindo o meu testemunho. Não posso emagrecer por mim mesmo. Preciso de ajuda.”

Alguns que têm feito esta espécie de súplica têm sido imediata e completamente libertados de seu problema, quer seja o hábito de fumar, comer em excesso, sexo ilícito ou álcool. Infelizmente, para a maioria ela não se dá dessa maneira.

Os ateus, agnósticos e descrentes podem dar

este passo com cepticismo. Eles não possuem nenhum conhecimento experimental de Deus e muitas vezes são antagônicos ao conceito de Deus com o qual cresceram. Deus, porém, está disposto a trabalhar com eles, a despeito de seu cepticismo. E através do processo pelo qual possam vir a conhecê-Lo de maneira pessoal. A consecução de um alvo principal de vida anteriormente inatingido, é uma maravilha que declara a intervenção divina. A predisposição para dar a Deus uma prova no sentido da fé não é demais, mas é suficiente para permitir que Deus opere com a pessoa — e em assim fazendo, dê prova de que Ele existe e pode realizar o impossível

4. Devemos tentar fazer o que pretendemos. Muitos deixam de fazer mudanças duradouras porque deixam de dar este passo. Alguns “renunciam e abandonam a Deus”. Os que são passivos nesse ponto, falharão. *Devemos* agir. Devemos proceder como se realmente pudéssemos fazer o que desejamos.

De certo modo, isto é pretensão, pois experiências frustrantes nos têm ensinado que não podemos alcançar nossos alvos por nossos próprios esforços. Quando, porém, experimentamos o poder de Deus em nossa vida, damos este passo com confiança sempre crescente. Saberemos que Ele pode ajudar-nos a dominar tanto as tendências hereditárias como as cultivadas para o mal.

Muitos que são bem-sucedidos em conquistar os problemas da vida com a ajuda de Deus, sentem-se surpresos ao verificar que suas antigas faltas ainda os tentam, e têm a tendência de voltar ao antigo comportamento. Mas enquanto vivermos, ser-nos-ão feitos apelos para que retornemos aos nossos antigos caminhos. O desejo de fumar ou o apelo para satisfazeremos nossos desejos de alimento, sexo, poder ou dinheiro de maneira errada, serão fortes; e podem surgir várias vezes por dia. Tais emboscadas não significam que Deus não esteja trabalhando conosco. Ao contrário, Deus permite que as tentações nos assaltem por várias razões.

Uma delas é que as palavras são de pouco valor. Nem todo o que diz: “Senhor, Senhor” receberá auxílio de Deus. Uma mulher fumante disse certa vez que durante 20 anos estivera pedindo a Deus que a ajudasse a deixar de fumar. “Ele ainda não fez isto”, disse ela. Ela queria que Deus fizesse tudo; não estava disposta a fa-

zer a sua parte.

Não podemos mudar por nós mesmos o nosso comportamento. Contudo, Deus só trabalha quando nós trabalhamos. Se, através de atos, procurarmos uma vez mais efetuar o que fomos incapazes de fazê-lo no passado — mas desta vez com confiança na ajuda de Deus — o Senhor nos suprirá a falta e nos levará ao sucesso desejado. Deus mede a genuinidade de nosso desejo de Sua ajuda, pela intensidade de nossas tentativas para alcançarmos nossos alvos.

Enquanto vivermos, ser-nos-ão feitos apelos para que retornemos aos nossos antigos caminhos.

Isto não constitui salvação pelas obras. Devemos continuar angustiosamente atentos a nossas faltas e a nossa incapacidade de levar a efeito aquilo que sabemos que deveríamos ter feito. Ao nos esforçarmos para vencer quando pedimos ajuda a Deus, estamos apenas usando os talentos que Deus nos concedeu *para cooperar* com Seu infinito poder no cumprimento de Sua vontade. Ao alcançarmos sucesso dessa maneira, não nos ufanaremos de nossa realização. Antes, apontaremos com orgulho para Deus, que opera em nós e fortalece nossa fraqueza humana, capacitando-nos para vencer.

Ellen G. White diz: “A obra de ganhar a salvação é de co-participação e cooperação. Deve haver cooperação entre Deus e o pecador arrependido. Isto é necessário para a formação de corretos princípios de caráter. Deve o homem fazer veementes esforços para vencer o que o impede de alcançar a perfeição. Mas, para alcançar êxito, ele depende inteiramente de Deus. Por si mesmos os esforços humanos não são suficientes. Sem a ajuda do poder divino ele de nada vale. Deus age e o homem também. A resistência à tentação deve partirdo homem, que por sua vez deve obter de Deus o poder. De um lado se acham sabedoria infinita, compaixão e poder; do outro, debilidade, pecaminosidade e incapacidade absoluta.”²

Felizmente, a freqüência e a intensidade da tentação diminuem a cada dia que somos vitoriosos no poder de Deus. A confiança crescente de que podemos vencer em Cristo, substitui

o esforço desesperado que experimentamos a princípio.

5. Devemos ser agradecidos. É ao cultivarmos um sentimento de gratidão que com mais facilidade manteremos a crescente confiança que nos vem. Sem gratidão, a incerteza continua furtivamente. Perdemos a noção daquilo que constitui nossa função e daquilo em que consiste a função de Deus.

Um homem que voltou a fumar depois de ter deixado de fazê-lo por quatro ou cinco semanas, disse: “Eu sabia que não iria agüentar.” Ele estivera vivendo com um senso de queda iminente. A gratidão teria impedido que isto acontecesse. Cultivar um sentimento do que a obra de Deus tem realizado em nossa vida, suscita uma boa defesa contra tal pessimismo.

A pessoa que tem excesso de peso, pode ter um longo caminho a percorrer; mas, um dia sem comer demais, constitui vitória. Embora possamos achar que muitas vezes estamos perto de fracassar, quando não nos deixamos levar pelos nossos antigos caminhos, podemos ser agradecidos a Deus pelo que experimentamos até aquele ponto. Estamos fazendo o que desejamos, e Deus o está realizando conosco e por nós.

6. Devemos manter um relacionamento a longo prazo com Deus. Não há razão alguma para voltarmos sempre aos nossos antigos caminhos. Infelizmente, as recaídas muitas vezes nos perseguem. Isto comumente ocorre quando nos esquecemos de Deus ou deliberadamente O ignoramos. Tais recaídas representam falhas de nossa parte, não da parte de Deus. Uma senhora que, com a ajuda de Deus, estava reduzindo o seu peso, disse certa ocasião: “Emagrecer sem a ajuda de Deus é desencorajador. Se eu não falar com Deus durante a manhã inteira, sou inclinada a resvalar e ser arrastada. O mesmo é verdade ao meio-dia, à tarde e à noite. Se eu não falar com Deus todo o tempo, isto não funciona.”

Que maravilhosa compreensão! Sem dúvida ela confirma a instrução bíblica de “orar sem cessar” (I Tess. 5:17). Só podemos obter êxito enquanto nos mantivermos em relacionamento com Deus. Fracassaremos se acharmos que agora que Deus nos concedeu certa quantidade de êxito, poderemos mantê-la por nós mesmos. Se usarmos a Deus para dar um “salto”,

em lugar de O utilizarmos para obter poder contínuo, o fracasso é certo.

Mas, se falharmos, ou quando falharmos, não devemos desistir. Ao contrário, devemos tentar de novo. Quanto mais confiarmos em Deus e menos em nossos próprios esforços, mais vitórias poderemos alcançar.

7. Devemos ocupar-nos com o problema seguinte. Tendo, mediante o poder do Senhor, lutado com êxito, relativamente a um problema, temos um modelo de cristianismo prático atuante que podemos aplicar a outros problemas. O processo de identificar e obter o sucesso dos problemas que nos ocupam a atenção, envolve muito da vida cristã.

Alguns problemas são mais facilmente vencidos do que outros. Alguns exigem apenas alguns dias de esforço. Outros podem levar anos. E a seqüência em que os problemas devem ser solucionados, varia de pessoa para pessoa.

Alguns, contudo, podem com facilidade considerar-se vencedores. Eles se alegram com o que Deus está fazendo em sua vida. Falam de vitórias alcançadas e das lutas atuais, e tanto procuram encorajar a outros cristãos como beneficiar-se de seu apoio.

Não devemos julgar outra pessoa com respeito a problemas não resolvidos que venhamos a observar na vida alheia. Sabemos que Deus continuará a levar-nos individualmente à paz em que melhor podemos andar.

Nosso relacionamento com Deus é defeituoso, caso não entendamos a mudança de comportamento. E as crenças fundamentais da igreja tornam-se um fardo sem sentido para aquele que não tem uma experiência cristã prática vitoriosa. Quando estamos mantendo relacionamento com Deus, Ele nos muda continuamente a vida, assistindo-nos rumo ao alvo da semelhança com Cristo.

Quando estamos ajudando outros a obterem uma experiência cristã, devemos ter em mente que leva semanas e às vezes meses para instruí-los nesse processo fundamental. Ao disciplinarmos os novos conversos, devemos estar certos de que eles conhecem a Jesus como um Salvador que transforma a vida, em lugar de levá-los a outros assuntos. Podemos estar habilitados a fazê-los concordar com as doutrinas que nos distinguem antes que tenham experimentado tal relacionamento com Jesus; esse conhe-

cimento, porém, é inútil sem o relacionamento.

Infelizmente, a compreensão de nossas doutrinas parece ser a única qualificação importante para o batismo hoje. Mas o batismo não oferece salvação a uma alma. Muitos podem ministrá-lo em pessoas que possuem uma pseudofé tateante em que “Deus faz tudo” — que não experimentaram nenhuma mudança significativa. Em alguns casos, o batismo significa apenas que a pessoa batizada aceitou as doutrinas como sendo corretas.

Juntamente com seus alvos de batismo a igreja precisa realçar a questão de levar a pessoa a um vivo relacionamento com o Senhor. Redescobrir a correta função da mensagem da saúde, ajudará neste ponto. O evangelismo da saúde encontra as pessoas onde estas sabem que necessitam ser mudadas. Ele se ocupa com os problemas diários da vida. Leva as pessoas a Deus como Aquele que soluciona os problemas pessoais e que produz mudanças mensuráveis. Mesmo os cépticos procurarão a Deus quando se sentirem bastante desesperados; então compreenderão sua incapacidade de transformar a si mesmos.

Voltemos ao assunto da salvação da pessoa dos seus pecados. Alguns que vêm a conhecer a Deus como Aquele que os auxilia em suas prementes necessidades, desejarão conhecer coisas mais profundas. Os batismos ocorrerão quando esses inquiridores chegarem ao pleno conhecimento da beleza das doutrinas características. Devemos estar mais interessados em levar os indivíduos a um relacionamento com Cristo, que transforma a vida, do que em ensinar-lhes nossas doutrinas — embora haja um lugar importante para ambos.

A mensagem da saúde necessita do evangelho para mantê-la centralizada em sua finalidade precípua — mostrar às pessoas a maneira de efetuar a mudança. O esforço evangelístico da igreja precisa da mensagem da saúde para conservá-lo prático e a uma altura que os que estão lutando com as inclinações, hábitos e problemas possam encontrar soluções reais. Os adventistas do sétimo dia têm a oportunidade de colocar a ciência da salvação em sua verdadeira luz que transforma a vida.

1. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 340.

2. *Idem*, pág. 482.

Você é Tímida?

Espera-se que a esposa do pastor seja tipicamente animada, comunicativa e expansiva. Mas que fazer se ela for naturalmente tímida? Quais são as raízes da timidez, e como pode uma pessoa tímida realizar um ministério eficiente?

Nesta entrevista concedida a Carola Kilcher, o Dr. Peter Blitchington fala sobre a timidez.

Carola: Recentemente dirigi um curso para esposas de pastores. Durante a sessão de debates surgiu o assunto da timidez. Várias senhoras que se consideram tímidas expressaram frustração. Elas achavam que a maioria das pessoas espera que a esposa do pastor seja expansiva e cordial com todos. Uma esposa disse que o presidente de sua associação fora ao ponto de fazer um levantamento para provar que os membros realmente esperavam isto das esposas de seus pastores. Aquelas senhoras estavam temerosos de que jamais viessem a atingir a norma. É possível uma pessoa tímida mudar? É a timidez uma tendência herdada ou um procedimento aprendido?

Dr. Peter: A timidez é, pelo menos em parte, um traço herdado. Mas pode também ser influenciada pelo aprendizado. A introversão é em grande parte herdada, e a timidez é produto da introversão.

Carola: É a palavra tímido sinônimo da palavra introvertido?

Dr. Peter: A pesquisa mostra que as duas são muito relacionadas entre si, mas não são idênticas. As pessoas são introvertidas ou extrovertidas por causa da maneira em que o sistema nervoso central é disposto. O introvertido parece ter um nível elevado de atividade cortical. Isto o torna mais propenso a evitar estímulos de todos os tipos, uma vez que o estímulo eleva o nível da atividade cortical. Na verdade, estudos mostram que o simples olhar nos olhos

de outra pessoa faz aumentar o nível da atividade cortical da pessoa. Se o indivíduo já estiver andando com um nível elevado de estímulo cortical, o aumento da atividade pode deixá-lo incomodado. Este é o dilema dos introvertidos. Eles às vezes evitam as pessoas, não porque não gostem delas, mas pelo fato de o relacionamento com os outros ser-lhes muito estimulante.

Carola: O senhor quer dizer que os extrovertidos levam uma vantagem sobre os introvertidos?

Dr. Peter: No relacionamento social talvez tenham. Mas não deveríamos subestimar os esforços dos introvertidos. Podemos ser taxativos ao afirmar que os extrovertidos gostam das pessoas e os introvertidos não. Este não é o caso. Os introvertidos provavelmente tenham menos amigos, mas nada sugere que não gostem dos seus amigos tanto ou até mais do que o fazem os extrovertidos com os seus. É provável que os introvertidos procurem menos as pessoas ou se sintam menos à vontade em grandes grupos.

Carola: Estou fascinada. Pode uma pessoa ser meio-tímida? Sinto que às vezes gosto de estar cercada de pessoas e outras vezes desejo estar só.

Dr. Peter: Somos todos mais complicados do que estas duas categorias sugerem. E algumas pessoas não são nem introvertidas nem extrovertidas. São o que se poderia chamar de ambivertidas. Os ambivertidos podem agir tanto de uma maneira como da outra — no sentido da introversão ou da extroversão. Eles têm mais flexibilidade, mas muitas vezes um senso mais vago de identidade.

Carola Kilcher
Orientadora de Esposas de Pastor
Dr. Peter Blitchington
Psicólogo Clínico

Carola: Ouvi o senhor dizer que há vantagens e desvantagens em todos os três tipos de personalidade. Quais são alguns dos obstáculos que a pessoa tímida encontra?

Dr. Peter: Um obstáculo é a situação delicada que tem lugar quando a pessoa tímida se encontra com estranhos ou participa de um grupo. Na pessoa que já possui um nível elevado de atividade cortical, essas duas circunstâncias podem elevar a ativação a um nível grandemente desconfortável. A pessoa tímida experimenta uma sensação de pânico na presença das outras e não sabe qual a razão. Isto leva a pessoa tímida a portar-se de maneira inadequada, visto que é difícil dar atenção aos outros quando estamos sentindo dor. O tímido está também sendo punido por ter que relacionar-se com os outros — punido por sua própria atividade cerebral. O extrovertido se sente bem em volta das outras pessoas, uma vez que o relacionamento lhe eleva o nível da ativação cortical a índice confortável e torna a sociabilidade uma experiência positiva.

Carola: Que pode fazer a pessoa tímida?

Dr. Peter: O primeiro e mais importante passo é a aceitação pessoal. Não se castigue por ser tímido. Você está lidando com forças poderosas, que foram modeladas por seus genes. Aceite seu estilo pessoal básico, mesmo que não goste de tudo o que a ele se refira. Você pode efetuar mudanças *em* seu estilo de personalidade, mas duvido que possa mudar seu estilo básico de personalidade.

Outra coisa que se deve ter em mente é evitar parecer indiferente e arredio para com os outros. Se alguém se sente mal entre as pessoas, pode ser tentado a recusá-las antes que elas o recusem. Pessoas há que parecem ter cara de pedra porque temem as outras. Mesmo que você seja tímido, procure sorrir e ser afetuoso. A maioria das pessoas aceitará a pessoa tímida, se esta se mostrar animada e procurar responder.

Há outras técnicas. Se fitar os olhos de outra pessoa o deixa inseguro, procure olhar entre seus olhos.

O psicólogo William James ensinava a renúncia a tudo o que se refere aos resultados de uma conversação. Ele observou que os alunos mais bem-sucedidos na pregação em público eram aqueles que menos interessados estavam em co-

mo seu auditório reagiria. Os que se saíam mal estavam muito preocupados com as reações.

Carola: Parece-me que há uma verdadeira falta de compreensão das necessidades da pessoa tímida. Estou certa de que a compreensão destes fatos sobre os quais estivemos falando seria benéfica a todas as congregações — não apenas para a esposa tímida do pastor.

Dr. Peter: É verdade. Precisamos estar mais a par dos esforços dos outros estilos de personalidade. Isto auxiliará as pessoas a se aceitarem a si mesmas e a crescerem.

Carola: O senhor fez um trabalho extenso sobre o temperamento. Existe alguma relação entre a timidez e algum dos quatro temperamentos?

Dr. Peter: Não fiz uma análise de correlação, mas parece que a timidez estaria mais associada com a melancolia e os temperamentos impassíveis.

Carola: O fenômeno “os opostos se atraem” aplica-se à introversão e extroversão na união conjugal?

Dr. Peter: Talvez fosse mais correto dizer que geralmente ocorre um equilíbrio no casamento. Os cônjuges parecem complementar um ao outro. Isto não se limita à timidez. A pessoa melancólica pode precisar de outra emocionalmente estável ou equilibrada. As duas podem ou não ser tímidas.

Carola: Uma pergunta para finalizar, Dr. Peter. Como pode o pastor cuja esposa é naturalmente tímida diminuir ao máximo as ansiedades de sua esposa?

Dr. Peter: Ele pode reconhecer que as necessidades sociais de sua esposa são diferentes das suas. Quanto mais distante ele está dela nas contínuas extroversões-introversões, tanto mais sensível precisará ser a este assunto. Ela pode precisar de mais interrupções de relacionamento social do que ele.

Ele pode também ajudá-la a estar alerta a fim de que não precise deixar que os outros a intimidem. Ela deve ser aprovada por seus esforços e incentivada a não permitir que seu constrangimento a impeça de fazer o que ela deseja. Pode ajudá-la a lembrar que Deus a criou exatamente assim e que ela pode ser capaz de relacionar-se mais eficazmente com pessoas tímidas de sua congregação e comunidade, do que a maioria das mulheres descontraídas.